

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

RELIGIÃO E SABEDORIA NOS IDOSOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Joana Rosa Gonçalves Canavarro Centeno da Quadrada

outubro, 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor José H.
Barros de Oliveira (F.P.C.E.U.P.).

Agradecimentos

Ao Professor Doutor José Barros de Oliveira pela orientação, pelo alento e pelo apoio nestes dois anos de Mestrado Integrado.

À Menu e à minha prima Cristina por me terem dado conselhos e sugestões preciosas para a conclusão deste trabalho.

À minha família.

Aos meus pais por me terem guiado e serem a minha principal fonte de auxílio, não só durante estes cinco anos na FPCEUP, mas sempre. Sem eles não me seria possível estar agora a terminar este percurso. À minha mãe por todos os “empurrões” e ao meu pai por todas as sugestões.

À minha irmã pelos momentos de cumplicidade e por sempre acreditar e confiar na sua irmã mais velha!

Aos meus avós pela inspiração, em especial as minhas longas conversas com o meu avô...

Às minhas amigas que dentro ou fora da Faculdade, me apoiaram e ajudaram sempre. Muito obrigada Andreia, Paula, Pi, Filipa, Tânia, Filó, Mariana, Lara e Kika.

Às minhas colegas orientandas por serem sempre prestáveis e companheiras independentemente da sua carga de trabalho. Muito obrigada Andreia, Diana, Dora e Mariana.

Resumo

Uma revisão de tradições filosóficas sugere que, se existir uma base religiosa e espiritual, esta pode tomar o papel de um fator facilitador de estádios superiores do desenvolvimento humano, incluindo a sabedoria (Alexander et al. 1990, *in* Thao, 2008).

Este estudo tem como objetivo principal analisar a religião e a sabedoria nos idosos. Considera-se que estes temas estão relacionados entre si, podendo a religião interferir com a sabedoria dos indivíduos. Uma vez que se trata de um tema complexo, não se tem a pretensão de descobrir a génese desta interação, mas sim tentar contribuir com mais dados para esta pesquisa. Os principais objetivos desta investigação prendem-se com perceber a ligação entre religião (motivação intrínseca e extrínseca), a idade e o sexo dos participantes; analisar a relação entre a sabedoria (cognitiva, transcendente e personalidade), a idade e o sexo dos indivíduos; e a relação entre ambas. O intuito é o de comprovar a centralidade da religião na configuração de outras áreas da existência humana e o de afirmar como um fenómeno intrínseco ao funcionamento psicológico do ser humano.

Para abordar estes temas optou-se pelo emprego de dois questionários: Escala de Interiorização Religiosa (Barros, 2005a) e a Escala Sobre a Sabedoria (Alves, 2007). Preliminarmente foi passado um questionário sócio-demográfico.

A amostra desta investigação é composta por 133 participantes e encontra-se dividida em dois grupos (grupo A e grupo B). O grupo A apresenta 74 indivíduos de idades compreendidas entre os 35 e os 45 anos; são 37 participantes do sexo masculino e 37 participantes do sexo feminino. O grupo B (entre os 65 e 75 anos) totaliza 59 participantes, sendo 34 participantes do sexo feminino e 25 participantes do sexo masculino.

Os resultados obtidos nesta pesquisa indicam que ambas as dimensões da motivação apresentam diferenças significativas em relação à idade dos participantes, aumentando com a idade; os indivíduos do sexo feminino do grupo B apresentam maiores níveis na motivação intrínseca; os idosos apresentam valores médios superiores na dimensão da sabedoria transcendente, não apresentando diferenças relativamente ao sexo; existe uma relação entre a sabedoria transcendente e a motivação intrínseca.

Palavras-chave: Envelhecimento, religião, sabedoria, motivação intrínseca, motivação extrínseca.

Abstract

A revision of philosophical traditions suggests that, where existent, a religious and spiritual foundation can take up the role of a facilitating factor towards superior stages of the human development, including wisdom (Alexander et al. 1990, *in* Thao, 2008).

This study's main aim is to analyse religion and wisdom in elder people. These subjects are considered to be linked and religion supposed to interfere with individuals' wisdom. Since this is a complex subject, we do not intend to discover the genesis of this interaction, but merely to try and contribute with more data for this research. The major objectives of this investigation are related to the understanding of the connection between the participants' religion (intrinsic and extrinsic motivation), age and gender, and the analysis of the connection between their wisdom (cognitive, transcendent and personality), age and gender. The connection between these topics will also be addressed. Our goal is to verify the centrality of religion in the configuration of other areas of the human existence and claim that it is a phenomenon that cannot be separated from the human psychological functioning.

We opted for the application of two questionnaires to discuss these topics - Religious Internalization Scale (Barros, 2005a) and Scale about wisdom (Alves, 2007). Four projective questions referring to wisdom and religion were also applied in order to promote the content's analysis. Previously a socio-demographic questionnaire was submitted.

This investigation's sample is made up of 133 participants, divided into two groups – group A and group B. Group A comprises 74 individuals, ages 35-45. This sample-group includes 37 male participants and 37 female participants. Group B comprises 59 individuals (ages 65-75) aggregates 34 female participants and 25 male participants.

The results obtained in this investigation indicate that both dimensions of religion's motivation have suggest that both dimensions of motivation are significant differences in the age of the participants, increasing with age and the females in group B show higher levels in intrinsic motivation, the elderly present higher mean values in the dimension of transcendent wisdom, not showing differences based on gender, and there is a relationship between the transcendent wisdom and intrinsic motivation.

Key-words: Aging, religion, wisdom, intrinsic motivation, extrinsic motivation.

Résumé

Une révision de traditions philosophiques suggère que, s'il existe une base religieuse et d'esprit, celle-ci peut jouer le rôle d'un fait facilitateur de stades supérieurs du développement humain; inclut la sagesse (Alexander et al. 1990, in Thau, 2008).

Cette étude a, comme but primordial, analyser la religion et la sagesse parmi les âgés. On estime que ces thèmes se rapportent entre eux, pouvant la religion intervenir dans la sagesse des individus. Étant donné qu'il s'agit d'un thème complexe, on n'a pas la prétention de découvrir l'origine de cette interaction, mais d'essayer de contribuer avec plus de données à cette recherche. Les principaux objectifs de cette investigation se destinent à comprendre la liaison entre religion (motivation intrinsèque et extrinsèque), âge et sexe des intervenants; analyser la relation entre la sagesse (cognitive, transcendant et la personnalité), l'âge et le sexe des individus; et la relation entre ces domaines. Le but est de démontrer la centralité de la religion, dans la configuration d'autres aspects de l'existence humaine et affirmer comme un phénomène intrinsèque au fonctionnement psychologique de l'être humain. Pour l'abordage de ces thèmes on a choisi l'application de deux questionnaires: L'Échelle d'Intériorisation Religieuse (Barros, 2005a) et l'Échelle de Sagesse (Alves, 2007). A été adoptée au préalable questionnaire socio-démographique.

L'aperçu de cette investigation est composé de 133 intervenants, divisée en deux groupes (Groupe A et Groupe B). Le groupe A présente 74 individus âgés de 35 et de 45 ans; il présente 37 participants du sexe masculin et 37 participantes du sexe féminin. Le groupe B présente 59 individus (de 65 et de 75 ans) a un total de 34 participantes du sexe féminin et 25 du sexe masculin.

Les résultats obtenus dans cette recherche indiquent que les deux dimensions de la motivation présentent d'énormes différences en ce qui concerne l'âge des participants, au fur et à mesure que l'âge augmente; les individus du sexe féminin du groupe B ont présenté un pourcentage supérieur de motivation intrinsèque; les âgés ont présenté des taux moyens supérieurs dans la dimension de la sagesse transcendant ne montrant pas de différences par rapport au sexe; Il existe un rapport entre la sagesse transcendant et la motivation intrinsèque.

Mots-clés: vieillissement, religion, sagesse, motivation intrinsèque, motivation extrinsèque.

Índice

Introdução	1
I - Enquadramento Teórico	
1. Definição e Caracterização do Envelhecimento.....	2
1.1 Perspetiva atual do envelhecimento	2
1.2 Enquadramento do envelhecimento	3
1.3 Envelhecimento bem-sucedido	6
2. Religião e Espiritualidade	8
2.1 Definição de Religião e Espiritualidade	8
2.2 Psicologia da Religião	11
2.3 Religião ao longo do desenvolvimento	12
2.4 Religião e outras variáveis	15
3. Sabedoria.....	16
3.1 Definição de Sabedoria.....	16
3.2 Sabedoria ao longo do desenvolvimento	21
3.3 Sabedoria e outras variáveis.....	22
II - Estudo Empírico	
1. Objetivos e questões do estudo.....	24
2. Método	26
2.1 Amostra.....	26
2.2 Instrumentos.....	27
2.3 Procedimento	27
3. Resultados	28
4. Discussão.....	40
5. Conclusão	45
Referências.....	49
ANEXOS	54
Anexo A – Declaração informativa	
Anexo B – Questionário sócio-demográfico	
Anexo C - Escala de Interiorização Religiosa	
Anexo D – Escala sobre a Sabedoria	

Índice de Figuras

Figura 1 – Análise de variâncias da relação entre a motivação intrínseca e as dimensões de sabedoria – Grupo A.....	37
Figura 2 – Análise de variâncias da relação entre a motivação extrínseca e as dimensões de sabedoria – Grupo A.....	38
Figura 3 – Análise de variâncias da relação entre a motivação intrínseca e as dimensões de sabedoria – Grupo B.....	39
Figura 4 – Análise de variâncias da relação entre a motivação extrínseca e as dimensões de sabedoria – Grupo B.....	39

Índice de tabelas

Tabela 1 – Análise descritiva – medidas de tendência central e de dispersão.....	28
Tabela 2 – <i>Alfa de Cronbach</i> para a Escala de Interiorização Religiosa.....	29
Tabela 3 – <i>Alfa de Cronbach</i> para a Escala sobre a Sabedoria.....	30
Tabela 4 – Correlação entre as dimensões da Escala de Interiorização Religiosa – motivação intrínseca e motivação extrínseca para a religião.....	30
Tabela 5 – Correlação entre as três dimensões da Escala sobre a Sabedoria – cognição, transcendência e personalidade.....	31
Tabela 6 - Correlação entre as dimensões da Escala de Interiorização Religiosa – motivação intrínseca e motivação extrínseca para a religião e as três dimensões da Escala sobre a Sabedoria – cognição, transcendência e personalidade.....	32
Tabela 7 - Análise de variâncias em função da idade nas dimensões da Escala de Interiorização Religiosa.....	33
Tabela 8 - Análise de variâncias em função do sexo nas dimensões da Escala de Interiorização Religiosa – grupo A.....	33
Tabela 9 - Análise de variâncias em função do sexo nas dimensões da Escala de Interiorização Religiosa – grupo B.....	34
Tabela 10 - Análise de variâncias em função da idade nas dimensões da Escala sobre a Sabedoria.....	35
Tabela 11 - Análise de variâncias em função do sexo nas dimensões da Escala sobre a Sabedoria – grupo A.....	35
Tabela 12 - Análise de variâncias em função do sexo nas dimensões da Escala sobre a Sabedoria – grupo B.....	36

Tabela 13 – Interação entre a motivação intrínseca e a sabedoria – Grupo A.....	37
Tabela 14 – Interação entre a motivação extrínseca e a sabedoria – Grupo A.....	37
Tabela 15 – Interação entre a motivação intrínseca e a sabedoria – Grupo B.....	38
Tabela 16 – Interação entre a motivação extrínseca e a sabedoria – Grupo B.....	39

Introdução

O idoso e o seu estado cognitivo e de desenvolvimento são campos da Psicologia cada vez mais abordados. Este interesse da Psicologia provém de vários fatores, entre eles o envelhecimento da população e o aumento da esperança média de vida. Torna-se cada vez mais importante estudar esta faixa etária pois as pessoas idosas são mais heterogéneas do que qualquer grupo etário (Whitborne, 1987).

O objetivo deste estudo é analisar a relação entre religião e sabedoria com a faixa etária e género dos indivíduos. É importante referir que as dimensões abordadas nesta investigação são de carácter subjetivo, o que implica uma maior dificuldade na sua medição e quantificação. Espera-se que esta dificuldade tenha sido evitada recorrendo à escolha de instrumentos adequados.

Neste estudo, analisar-se-á a relação entre a idade (e o sexo) e a motivação para a religião (intrínseca/extrínseca). Pretende-se verificar se existem alterações no nível de motivação na religião ao longo do envelhecimento, uma vez que a motivação intrínseca é mais associada a uma fase mais madura da vida (Dillon e Wink, 2003). Há uma tendência crescente para encarar espiritualidade e religião como diferentes modos de relacionamento com o sagrado, embora se considere a espiritualidade mais próxima da motivação intrínseca para a religião.

A relação entre a motivação para a religião com a sabedoria será estudada, analisando também uma possível diferenciação no sexo e nas faixas etárias. Uma revisão de tradições filosóficas sugere que, se existir uma base religiosa e espiritual, esta pode tomar o papel de um fator facilitador de estádios superiores do desenvolvimento humano, incluindo a sabedoria (Alexander et al. 1990, *in* Thao, 2008).

Apesar de ser sugerido que a religião e espiritualidade estão relacionadas com a sabedoria, poucos estudos examinaram essa relação. Thao (2008) concentrou-se nas associações entre espiritualidade e dois tipos específicos de sabedoria: prática e transcendente. Esta última pode ser definida como ultrapassando os interesses pessoais e possuindo a capacidade de observar as coisas imparcialmente. Este autor demonstrou que experiências de carácter místico promovem a sabedoria transcendente de modo moderado.

A estrutura deste trabalho será composta por uma primeira parte dedicada ao enquadramento teórico, seguida da descrição metodológica do estudo efetuado. Os resultados e a discussão de resultados serão os títulos seguintes. A conclusão funcionará como um balanço para todo o trabalho efetuado.

I - Enquadramento Teórico

1. Definição e Caracterização do Envelhecimento

1.1 Perspetiva atual do envelhecimento

Conforme referiu Alfred Sauvey (1928, *in* Paúl, 2010) o século XXI é o Século do Envelhecimento! Atualmente pode afirmar-se que o número de pessoas idosas tem aumentando em maior proporção do que o número de nascimentos. Tal é compreendido à luz do facto de que os jovens, na sua maioria, optam por constituir família cada vez mais tarde. Isto traduz-se na diminuição da taxa de natalidade e no crescimento inverso da pirâmide. O número de pessoas com idade superior a 55 anos no censo de 2001 em Portugal (INE, 2002), é superior a 25% da população total portuguesa. Aquando deste censo, foi também possível verificar que a proporção dos jovens diminuiu de 20% a 10%. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a terceira idade tem início entre os 60 e os 65 anos. Esta é a idade conhecida, porém a idade cronológica e biológica diferem de indivíduo para indivíduo, logo não deve ser apresentada como um valor padronizado (Duarte, et al., 2005, *in* Santos, 2008).

A nível político e económico, esta alteração de população, não só portuguesa mas mundial, é responsável por várias consequências, principalmente nos meios económicos que são necessários para cuidados de saúde e reformas. Falar de envelhecimento implica falar no envelhecimento populacional, que se trata de uma realidade atual que surge como condição relevante na nossa sociedade, traduzindo-se pelo aumento da consideração dada aos idosos. O documento do INE, apresentado em 2002 “O envelhecimento em Portugal”, alerta para novas questões ligadas ao envelhecimento. Cerca de 16% da população portuguesa possui uma idade igual ou superior a sessenta anos e, em 2020, o número de idosos ascenderá aos cem mil, de acordo com o INE. Apesar de estes factos serem significativos, por si só não são suficientes para perceber este fenómeno que transcende uma análise demográfica. É possível afirmar que o envelhecimento é um aspeto estruturador da nossa sociedade, já que implica transformações sociais, económicas e culturais.

As nações unidas declararam o ano de 1999, ao findar do séc. XX e do 2º milénio, como o ano dos idosos, sob o lema “construir uma sociedade para todas as idades”, com o objetivo de promover os princípios da ONU para as pessoas idosas (independência, participação, cuidados, auto-realização e dignidade). Pode afirmar-se que o interesse por um maior conhecimento relativamente aos idosos passa não só pelo campo científico, como pelo campo político, social e económico. Devido ao aumento da esperança média de

vida e às dificuldades económicas que a sociedade atualmente enfrenta, será fundamental conhecer, de modo mais profundo, esta faixa etária e perceber como podem contribuir para a evolução da situação atual, uma vez que, por muito tempo, têm sido desconsiderados da equação.

As razões por este interesse passam pela pressão demográfica - o número de idosos cresce em todos os países desenvolvidos, alcançando idades mais elevadas, com um maior nível de saúde e cultura; pelos motivos socioeconómicos – derivadas da transcendência que as decisões médicas têm na política, economia e sociedade. Basta recordar o volume económico que todos os países têm de dedicar a reformas e ao consumo das farmácias ou da necessidade de fornecer recursos sociais aos idosos incapacitados; e, por fim, pelos motivos científicos – o conhecimento do que representa o processo de envelhecimento e das consequências do mesmo.

1.2 Enquadramento do envelhecimento

No seu livro *Psicologia do envelhecimento e do idoso*, Barros (2005b) apresenta sinteticamente diversas teorias do envelhecimento de diversos períodos históricos. Algumas das apresentadas são a teoria psicossocial do desenvolvimento da personalidade de Erikson, teoria cognitiva da personalidade e do envelhecimento de Thomae, teoria do desenvolvimento e do envelhecimento de Baltes e a teoria da gerotranscendência de Tornstan. No geral, foram descritas doze teorias de envelhecimento, provando que este é um tema da atualidade.

Segundo Zimerman (2000), para além das alterações fisiológicas observáveis, o envelhecimento proporciona ao ser humano uma série de mudanças psíquicas, que se podem traduzir em dificuldade de se adaptar a novos papéis; falta de motivação e complicação em planear o futuro; necessidade de trabalhar as perdas orgânicas, afetivas e sociais; dificuldade de se adaptar a mudanças rápidas, que podem ser dramáticas; alterações psíquicas que requerem tratamento especializado; baixa autoimagem e autoestima.

De acordo com Fontaine (2000), o envelhecimento é um processo diferencial, dado que varia a diversos níveis, numa mesma pessoa e, igualmente, de pessoa para pessoa. É um fenómeno global, enquanto constituído por um conjunto de processos que os organismos sofrem, após uma fase de desenvolvimento. No entanto, como já referido, as características relativas ao desenvolvimento biológico, psicológico e social podem ser de tal forma diversas, de indivíduo para indivíduo, que se regressa à noção de que o

envelhecimento não é um fenómeno homogéneo e que ocorre, da mesma forma, em todos os indivíduos (Pimentel, 2001).

O envelhecimento é um processo complicado, simultaneamente diferencial (específico de cada pessoa), universal (inerente a todo o ser vivo) e contínuo (embora com movimentos diferentes) (Fernandes, 1999; Oliveira, 2005, *in* Santos, 2008). O envelhecimento é um processo que assiste a toda a vida humana, de deterioração endogénica e irreversível de vários órgãos e tecidos. É reconhecida a existência de fatores intrínsecos e extrínsecos para o envelhecimento e para o modo como se envelhece.

Ao discutir este tema, impõe-se, também, a questão de quando se inicia o envelhecimento, Fontaine (2000, p. 19) refere que o envelhecimento "[...] afeta todos os seres vivos e o seu termo natural é a morte do organismo. É, assim, impossível datar o seu começo porque, de acordo com o nível no qual se situa (biológico, psicológico ou sociológico), a sua velocidade e a sua gravidade são extremamente variáveis de indivíduo para indivíduo.]" Esta é uma opinião recorrente em diversos estudos (Figueiredo, 2007; Paúl, 2010).

Segundo a autora, o envelhecimento pode acontecer em vários níveis:

- A nível biológico - verifica-se uma perda da flexibilidade dos tecidos e uma diminuição da qualidade e velocidade das funções da maioria dos órgãos, contudo a evolução é naturalmente variável. Neste domínio, o envelhecimento está associado ao aparecimento de incapacidades, doenças e demência, bem como a diminuição do metabolismo. No entanto, o facto de envelhecer não pode impedir a participação na sociedade. Talvez a adoção de novos papéis sociais, indutores de menor tensão e menor esforço, possam auxiliar neste aspeto;

Além das alterações físicas, o envelhecimento é acompanhado por alterações psicológicas e sociais, que podem ser melhoradas ou reduzidas, considerando o contexto em que o idoso está inserido (Martins e Valente, 2004; Sequeira e Silva, 2002, *in* Santos, 2008).

- A nível psicológico - não se observam tantas perdas como as que normalmente estão referenciadas. A memória imediata acaba por ser mais afetada, todavia a memória a longo prazo está capaz de grandes desempenhos, quando se envelhece. Se o exercício de determinadas funções for mantido, como a capacidade para aprender e a inteligência, estas podem continuar a progredir. No que se refere à personalidade, existe alguma tendência para se manter alguma consistência ao longo dos anos, muito embora possam evidenciar-se algumas alterações, resultantes, na maioria das vezes, da influência do meio social. A doença psicológica, nesta idade, está muitas vezes associada à constatação das limitações

biológicas mas também a fatores de índole individual e relacionais (solidão, viuvez) que podem ser igualmente limitativos;

Em comparação com adultos jovens, indivíduos mais velhos apresentam menos experiências negativas afetivas (Charles, Reynolds e Gatz, 2001, *in* Bergman e Ong, 2004), um maior controlo emocional (Carstensen e Charles, 1998, *in* Bergman e Ong, 2004), e mostram um maior investimento na atenção e memória para informações emocionalmente positivas (Charles, Mather e Carstensen, 2003; Mather e Carstensen, 2003, *in* Bergman e Ong, 2004). Evidências crescentes sugerem que o melhoramento da regulação da emoção está associado a uma maior complexidade emocional mais tarde na vida (Carstensen et al, 2000; Labouvie-Vief e Medler, 2002, *in* Bergman e Ong, 2004).

- A nível social - a pessoa idosa encontra muitas barreiras, impostas mais pela sociedade do que por si própria, e pelas suas características individuais. A perda do estatuto de indivíduo participante e ativo, a perda de rituais que duraram anos, a perda de contactos sociais específicos à tarefa de ser produtivo e o enfrentar da "solidão" do voltar a casa sem a obrigatoriedade de voltar a sair. Todos têm ideias sobre como o envelhecimento afeta uma pessoa, em diferentes aspetos da vida, focando-se na deterioração da saúde física ou em tornar-se calmo e experiente.

Não obstante estas opiniões, algumas pesquisas recentes indicam que os estereótipos negativos para com a idade são predominantes na maioria da população (Kite, Stockdale, Whitley e Johnson, 2005, *in* Kornadt e Rothermund, 2011) e diferentes formas de discriminação de idade são mais ou menos generalizadas na sociedade (Nelson, 2005; Rothermund e Mayer, 2009, *in* Kornadt e Rothermund, 2011), o que implica desconforto para os idosos e subsequente diminuição de contacto com outros. No entanto, de acordo com Neto (1998), um projeto intercultural com a colaboração de 19 países verificou a existência de uma tendência global para as pessoas idosas serem vistas favoravelmente em comparação com as pessoas mais jovens.

Além dos diversos tipos de envelhecimento, é também possível identificar tipos de idades diferentes no ser humano (Pimentel, 2001):

- A idade cronológica, aquela que é determinada pelo tempo que decorre entre o nascimento e o momento atual e que transporta para a história do indivíduo, mas não comunica nenhum dado quanto ao estado de evolução do sujeito;

- A idade social, associada à sucessão de papéis e hábitos assumidos na sociedade bem como à exibição dos comportamentos esperados pela sua cultura de origem;

- A idade psicológica, associada às capacidades comportamentais, personalidade e emoções de uma pessoa, que, à partida, não podem ser limitadas a uma idade cronológica; inclui de igual forma capacidades como a memória, a inteligência e a aprendizagem;

- A idade física e biológica, referente às capacidades vitais e funcionais do indivíduo e, que tem em conta o ritmo a que cada pessoa envelhece, já que os órgãos e funções vitais não envelhecem todos ao mesmo tempo, o que conduz ao facto de que é de igual forma importante a variação do ritmo de envelhecimento a nível inter e intraindividual.

Independentemente do tipo de envelhecimento ou da idade sobre qual a pesquisa tem base, pode afirmar-se que os idosos continuam a ter de realizar as tarefas desenvolvimentais. Estas são todas relacionadas com as mudanças específicas neste período de vida, que não deixa por isso de ser de adaptação às perdas biológicas, às alterações psicológicas e às reorganizações das relações sociais e familiares, mas também de adaptação ao ganho de tempo, à possibilidade de fazer coisas que foram deixadas para esta altura da vida, ao retorno da atenção para a família, com maior investimento nos netos e maior disponibilidade para fazer o que se não conseguiu anteriormente.

É importante ter sempre em consideração de que cada pessoa idosa representa um património que vale por si só, e cada um destes elementos da sociedade carrega consigo um fator histórico de vida e uma vida cheia de história, uma carga genética específica e um património psicossocial de valor incalculável. Como disse Kofi Anan (2002), na Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento:

Em África, diz-se que, quando morre um ancião, desaparece uma biblioteca. Isto lembra-nos o papel crucial que os idosos desempenham como intermediários entre o passado, o presente e o futuro; a importantíssima linha de comunicação que constituem para a sociedade. Sem os conhecimentos e sabedoria dos anciãos, os jovens nunca iriam saber donde vêm ou qual a comunidade em que se inserem. Mas para que os idosos tenham uma linguagem que os jovens entendam, devem ter a oportunidade de continuar a aprender ao longo da vida.

1.3 Envelhecimento bem-sucedido

A temática do envelhecimento bem-sucedido tem sido muito abordada e considerada de enorme importância, nesta etapa de vida. Durante os últimos 20 anos, incontáveis teorias e estudos têm procurado descrever o envelhecimento bem sucedido

(Baltes e Baltes, 1990; McLaughlin, Connell, Heeringa, Li e Roberts, 2010; Rowe e Kahn, 1987, 1998, *in* Cartwright, Pruchno, Rose e Wilson-Genderson, 2010), no entanto ainda existe pouco consenso sobre como o definir ou medir.

Schmidt (1994, *in* Cartwright, Pruchno, Rose e Wilson-Genderson, 2010), definiu o envelhecimento bem-sucedido como o mínimo de interrupção da função normal, enquanto Baltes e Carstensen (1996) definiram o envelhecimento bem-sucedido em termos subjetivos, podendo ser a realização de objetivos que podem diferir muito entre as pessoas e pode ser medido contra diversos padrões e normas.

Segundo Santos (2008), o envelhecimento bem-sucedido caracteriza-se para Freire (2000), como uma competência adaptativa desenvolvida para responder com elasticidade aos desafios. Esta capacidade envolve várias dimensões: emocional (capacidade para lidar com acontecimentos de vida stressantes); cognitiva (capacidade para resolver problemas); comportamental (capacidade de resolução de problemas).

Segundo Cartwright, Pruchno, Rose e Wilson-Genderson (2010) o envelhecimento bem-sucedido pode ser definido, de acordo com duas dimensões independentes, mas relacionadas, o sucesso objetivo e sucesso subjetivo.

Estes autores afirmam que a meta-análise de Depp e Jeste (2006) revelou que os efeitos de género e raça sobre o envelhecimento bem-sucedido são inconsistentes. Descortinaram que as mulheres tinham mais probabilidade de experimentar um envelhecimento bem sucedido do que os homens. Em termos de raça, mostraram que os caucasianos tinham níveis mais elevados de envelhecimento bem-sucedido do que as minorias em 28,6% dos estudos que reviram. As investigações analisadas confirmaram ser provável que as experiências anteriores à meia-idade, incluindo o nível de escolaridade, estado civil (particularmente, não se casar) e não ter filhos, influenciem a medida como uma pessoa envelhece com sucesso. Depp e Jeste (2006, *in* Cartwright, Pruchno, Rose e Wilson-Genderson, 2010), por exemplo, afirmaram que o ensino superior foi associado ao envelhecimento bem sucedido em 44,4% dos estudos revistos. Os resultados globais do estudo afirmam que os indivíduos com maior propensão para o envelhecimento bem-sucedido são casados, trabalham e fazem voluntariado. Neste estudo, os efeitos da religião foram limitados ao campo do sucesso subjetivo.

2. Religião e Espiritualidade

2.1 Definição de Religião e Espiritualidade

Pode afirmar-se que a religião e a espiritualidade são conceitos tão antigos como o Homem. Desde os Maias, aos Egípcios, dos Cristãos aos Muçulmanos que a religião é amplamente abordada, sendo motivo de cruzadas, sacrifícios e devoção. A palavra religião tem a sua raiz no Latim *religio* e refere-se a uma ligação (re-ligar) da humanidade a algo “mais do que humano” (Hill, Pargament, Hood, Swyers e Zinnbauer, 2000, *in* Pais, 2009).

Alguns autores consideram a religião como natural ao homem, embora outros tenham diferentes opiniões definidas. De acordo com Durkheim e o Funcionalismo, a religião é uma tentativa de sacralização das leis sociais (*in* Barros, 2000). Durkheim afirma que não existem provas concretas que considerem que a religião provém do íntimo do Homem. Para Marx a religião era uma alienação do Homem, com o objetivo de evitar a revolta dos oprimidos. Freud afirmava que a religião era uma ilusão, que tinha como objetivo a sublimação da sexualidade - para este autor, estas conclusões foram baseadas apenas em casos patológicos. Para Jung, a religião era fundamental para a cura dos seus pacientes. Segundo Adler, a religião atuava como segurança para as inconstâncias da vida. De acordo com Paloutzian (1996), a motivação religiosa tem o elevado poder de promover a revolução social ou a resistência à mudança, podendo afirmar-se que a religião tem uma influência poderosa no comportamento dos indivíduos.

O conceito de religião apresenta muitas discordâncias, não havendo, por isso, consenso na sua definição. A maioria dos autores considera que se trata de um conceito multimodal, que, explicitamente, não apresenta diferenças muito significativas do conceito de espiritualidade. Mas, como se pode definir religião e qual a sua ligação com o conceito de espiritualidade? Esta é uma questão muito importante, até porque se deve considerar duas direções de causalidade - uma que vai da religião para a mente do indivíduo e a outra da mente do indivíduo para a religião (Vergote, 1996, *in* Paloutzian e Park, 2005).

As definições de espiritualidade têm sido diversas, ao longo do tempo, tratando-se cada vez mais de um tema muito abordado em inúmera bibliografia não especialista. Esta vaga de livros relacionados com a espiritualidade levou a uma mudança subtil no conceito de religião para a generalidade das pessoas. De acordo com Tart (1975, *in* Paloutzian e Park, 2005), a espiritualidade é um vasto reino de potencialidades humanas que lidam com os propósitos últimos, com entidades superiores, com Deus, com amor e com compaixão. Armstrong (1995, *in* Paloutzian e Park, 2005) considera a espiritualidade como a presença de uma relação com um Poder Superior, que afeta o modo como um sujeito age no mundo.

As definições de religião são muitas e variadas. Bellah (1970, *in* Paloutzian e Park, 2005) considera a religião como um conjunto de atos simbólicos que relacionam o homem com a condição última da sua existência. Já, mais recentemente, Peteet (1994, *in* Paloutzian e Park, 2005) considera a religião como um compromisso para com as crenças e práticas características de tradições específicas. De acordo com Barros (2000), para se conseguir definir religião é necessária uma abordagem holística, pois a experiência religiosa compromete e envolve toda a pessoa, todas as dimensões cognitivo-afetivo-motivacionais e comportamentais e, ainda, o seu contexto social. Historicamente, existem pelo menos três designações de religião: 1) um poder sobrenatural com o qual os indivíduos estão comprometidos ou para o qual estão motivados; 2) um sentimento presente no indivíduo que concebe tal poder e; 3) os atos rituais levados a cabo com respeito a esse poder (Wulff, 1997, *in* Pais, 2009).

O conceito de religião, como se pode observar desde o início da análise, é um contexto que apresenta várias características notórias. Interessante é também a possibilidade de, dentro do próprio conceito de religião poder haver diferenciações. Uma destas diferenciações foi feita por Allport (1966, *in* Paloutzian e Park, 2005) e consistiu na distinção entre *religião intrínseca* e *religião extrínseca*. Esta diferenciação será fundamental no decorrer desta investigação. De acordo com esta, o sujeito que apresenta uma motivação extrínseca para com a religião “usa” a religião de modo a ganhar segurança ou outros objetivos não diretamente relacionados com a religião. Em contraste, o sujeito que apresenta uma motivação intrínseca para com a religião “vive” a religião e considera a fé como um valor importante por si só.

A orientação intrínseca baseia-se na noção de que as razões para a fé de uma pessoa se encontram dentro dela, sendo parte da sua personalidade. Será possível afirmar que, para uma pessoa motivada intrinsecamente para com a religião, esta passa a ter um papel preponderante na sua vida. Esta noção baseia-se na investigação de Robinson e Shaver (1973, *in* Paloutzian, 1996) em que foi aplicado o questionário de Allport e Ross “Intrinsic-Extrinsic Religious Orientation”. Este estudo demonstrou que as pessoas que apresentam uma motivação intrínseca para a religião, tendem a concordar com frases como “Tento ao máximo levar a minha religião a todos os problemas da minha vida” ou a discordar de frases que centrem a religião na igreja e no serviço semanal. Presume-se que a motivação intrínseca para a religião implica um grau diferente de maturidade e integridade pessoal (Gorsuch e Aleshire, 1974, *in* Paloutzian, 1996). Estudos indicam que estes sujeitos apresentam maior sensibilidade, empatia e abertura às suas emoções.

A orientação extrínseca baseia-se na utilização da religião para o seu interesse pessoal, aproveitamento para motivos que não se encontram diretamente relacionados com a religião. Paloutzian (1996) refere que, em terminologia aplicada ao condicionamento operante, se pode considerar que a participação dos indivíduos motivados extrinsecamente está diretamente relacionada com um reforço. Teoricamente, se este desaparecesse, o mesmo sucederia com a motivação destes sujeitos. No estudo referido anteriormente, estes indivíduos apresentaram resultados opostos aos sujeitos com motivação intrínseca para a religião, privilegiando a compartimentalização da religião em momentos específicos da sua vida. Allport (1966, *in* Paloutzian, 1996) sugeriu que as pessoas com motivação extrínseca para a religião apresentam certas necessidades, que são parcialmente resolvidas pela utilização da religião. Estudos apresentam resultados no sentido de considerar estas pessoas como de pouca confiança, céticas e pragmáticas.

Inicialmente, a motivação extrínseca e intrínseca para a religião foram consideradas dois polos opostos da mesma medida, sendo classificados de modo unidimensional. Atualmente, verifica-se que se tratam de duas dimensões diferentes da religião, sendo que uma não exclui automaticamente a outra.

Como previamente referido, o conceito de religião tem apresentado modificações na sua definição devido ao novo e abrangente conceito de espiritualidade. A espiritualidade é atualmente encarada uma verdade informal, como a procura da verdade universal (Goldberg, 1990, *in* Paloutzian e Park, 2005), enquanto a religião passou a ser considerada como grupos de prática, instituições e crença formal. A controvérsia persiste sobre se a espiritualidade implica, necessariamente, um objeto transcendente; com efeito, alguns autores afirmam que a espiritualidade se pode definir como a busca de significado e propósito, o que permite a possibilidade de um conceito não-religioso de espiritualidade (McFadden, 2008).

Uma investigação realizada por Woods e Ironson (1999, *in* Paloutzian e Park, 2005) encontrou resultados que ilustram, adequadamente, esta diferenciação. Nesta investigação as pessoas que se classificaram a si próprias como “religiosas” expressavam a sua fé de modo mais ritualizado e institucional, enquanto os indivíduos que se denominaram de “espirituais” tinham a transcendência e a conexão com uma Força Superior como principal objetivo.

Ao analisar a definição de espiritualidade, pode fazer-se uma breve comparação entre esta definição e a definição da motivação intrínseca para com a religião, até porque a religião e a espiritualidade são diferentes, porém sobrepõem-se, sendo a espiritualidade uma experiência interior, enquanto a religião tem um espetro mais amplo de ambas: crença

interna e atividade sociocultural exterior. Esta comparação tem como base a “fé” apresentada em cada uma das definições e o efeito que esta tem na vivência do sujeito.

Nesta investigação, serão abordados dois conceitos, previamente referidos, relativamente à religião: motivação intrínseca da religião e motivação extrínseca da religião. É importante referir que, neste contexto a espiritualidade será considerada equivalente à motivação intrínseca da religião, porquanto partilham semelhantes bases teóricas.

2.2 Psicologia da Religião

A religião é analisada pela psicologia desde o princípio do século XX. Psicólogos como William James ou Stanley Hall abordaram o tópico. Jung foi também um grande estudioso sobre o tema. Apesar de o interesse sobre este assunto ter diminuído ao longo do tempo, atualmente os estudos referem um interesse renovado. Existem cada vez mais pesquisas sobre a religião, uma das dimensões mais importantes do ser humano. Segundo Barros (2000, p. 5), “ela influencia o sentido da vida e da morte, o modo como se encara o mundo e os homens, as alegrias e o sofrimento, o modo como se vive a vida familiar [...]”.

Em Portugal, estas pesquisas não são realizadas de modo frequente, embora haja algumas exceções (Barros, 2000; 2005a; 2005b; Ferreira e Neto, 2008). Supõe-se que este tipo de investigação seja mais escassa em Portugal do que nos Estados Unidos da América, devido a um desconforto por parte dos investigadores. Este incómodo pode advir do facto de a religião em Portugal ser ainda um tópico muito fechado sobre si próprio, em que os investigadores não se sentem confortáveis para abordar. Outra possibilidade válida pode ser também o facto de em Portugal existir uma religião maioritária (Católica Cristã), o que não permite estudos comparativos com outros tipos de religiões. É importante referir que grande parte das investigações aqui apresentadas foi realizada nos Estados Unidos da América; como tal, é fundamental ter em atenção as alterações a nível cultural na adaptação dos resultados para um país diferente.

A psicologia da religião deve estar interligada com outras áreas de estudo, especialmente a antropologia e a biologia para poder integrar os vários níveis de análise em que os processos religiosos ocorrem. Por exemplo, a antropologia pode explicar como as crenças religiosas se espalham e como algumas tomam grandes proporções enquanto outras desaparecem. Segundo Barros (2000), a religião apresenta uma dimensão evolutiva, não segue apenas os ritmos cronológicos de cada indivíduo, mas também uma lógica não cronológica. Isto implica que podem existir dois sujeitos adultos com a mesma idade, em

que um deles vive a religião de modo maduro e o outro vive de modo infantil. Vivenciar a religião de modo maduro, de acordo com Allport (*in* Barros, 2000), inclui certas características: a diferenciação (progressiva riqueza de sentimentos e comportamentos), autonomia dinâmica (motivação de ordem superior para responder às interrogações existenciais da pessoa), consequencialidade (coerência ética nas diversas condutas), globalização hierárquica (todos os outros valores estão subordinados aos valores religiosos que dão um sentido integrador a tudo) e o carácter heurístico (a religião torna-se uma “tarefa aberta” que possibilita o desenvolvimento e enriquecimento contínuo do sujeito).

O papel da psicologia da religião passa por descobrir, prever e perceber os comportamentos (semelhante à psicologia enquanto disciplina global), pelo que, como todos os outros tipos de psicologia, tem um método. Este método deve ter certos aspetos em consideração: o empirismo/positivismo, a neutralidade e a relatividade. O empirismo deve ter-se em conta, pois a investigação consiste em estudar as variáveis religiosas com métodos científicos, especialmente a observação. Deste modo o comportamento religioso é, dentro do possível, compreendido como observável e quantificável. A neutralidade implica que o investigador não vai pronunciar-se sobre “as realidades ontológicas da religião” (Barros, 2000, p.46), pois tal ultrapassa a sua competência. Não obstante, é importante compreender a importância de certos comportamentos, tais como ir à mesquita, para a teleologia das várias religiões.

A relatividade referente a este campo da psicologia foca-se no aspeto de existirem várias correntes psicológicas que abordam, de modo diferente, o comportamento e a personalidade. Isto é particularmente verdade, quando o objeto de estudo é o homem, não sendo possível estudá-lo num laboratório, existindo, portanto, uma série de variáveis incontroláveis.

Uma das variáveis a ter em consideração é o desenvolvimento dos indivíduos ao longo da vida. A transformação de uma criança, em adulto, e, finalmente em idoso tem o seu papel na psicologia da religião.

2.3 Religião ao longo do desenvolvimento

Não existem dúvidas de que a religião e a espiritualidade possuem um importante papel no desenvolvimento do indivíduo. Pode definir-se desenvolvimento religioso como o crescimento da criança numa comunidade organizada que partilha histórias, práticas, rituais e símbolos. Esta partilha tem o objetivo de aproximar as pessoas ao Sagrado, assim como melhorar o relacionamento interpessoal. A investigação de Elkind revelou vários

aspectos interessantes sobre o desenvolvimento religioso e espiritual das crianças, entre elas a existência de níveis cognitivos. Pode afirmar-se que os conceitos religiosos que as crianças formam, desenvolvem-se do pensamento concreto e egocêntrico para um pensamento abstrato.

As crianças, em Portugal, entram em contacto com a religião desde muito novas, através de casamentos, batizados e da catequese. Os pais tendem a falar com os filhos sobre a religião e estas conversas são caracterizadas por uma comunicação recíproca e bilateral.

Verificou-se, através de uma investigação qualitativa, que as crianças possuem *spiritual signatures*, ou seja, expressões personalizadas das suas experiências de consciência relacional. Através de outras investigações, que as crianças, como indivíduos que são, apresentam níveis vários de ceticismo para com a religião.

É significativo referir que pensar em Deus não é um ato meramente cognitivo, mas também emocional, pessoal e social. A importância e complexidade do desenvolvimento da espiritualidade e de religião nas crianças implica que, para o seu estudo, seja utilizada uma abordagem eclética e compreensiva.

Relativamente ao período da adolescência, especificamente entre os 10 aos 18 anos, observa-se que existe um ligeiro declínio com a idade, mas que a religião tem um papel importante na vida do adolescente. Uma investigação realizada nos Estados Unidos da América, numa escola secundária, demonstrou que mais de 50% dos alunos frequentavam atividades de cariz religioso – iam à missa, participavam como voluntários na sua preparação, etc. Esta percentagem demonstra que a religião tem um papel bastante significativo para os adolescentes, havendo um número elevado de sujeitos que iam esporadicamente à igreja e que acreditavam num Poder Superior. Através de um estudo de Youniss, Mclellan e Yates (1999, *in* Paloutzian e Park, 2005), verificou-se que os adolescentes que apresentavam maior interesse na religião tinham mais probabilidades de fazer voluntariado do que outros sujeitos. Apesar desta atitude positiva dos adolescentes para com a religião, é de referir que é uma faixa etária em que existem várias dúvidas relativamente a este tópico.

Já foram analisados dois períodos da vida do indivíduo, em que se verificou que a religião é um fator presente e importante para o desenvolvimento do sujeito. O nível de análise seguinte é o da adultez. Este nível caracteriza-se pela realização de mais atividades de carácter religioso, pelo descobrir de novas culturas e religiões, por uma série de novidades. Devido a estudos realizados, é possível afirmar que, no início deste período de vida, a religião tem um papel importante no desenvolvimento o sujeito. De acordo com

Ferreira e Neto (2008), vários estudos suportam o declínio da atividade religiosa, entre os 18 e 30 anos, existindo posteriormente um aumento contínuo.

À medida que o indivíduo envelhece, o papel da religião na sua vida aparenta aumentar, embora não linearmente, existindo modelos que defendem o declínio contínuo da atividade religiosa com a idade, o que pode não implicar falta de motivação, mas a existência de constrangimentos exteriores.

Um aspeto também importante na investigação com sujeitos na faixa etária dos 40 anos é relativo ao facto de muitos terem admitido ter “deixado” a religião durante um período mais jovem da sua vida, voltando posteriormente a aderir à religião (Ferreira e Neto, 2008). É de salientar que a conversão a uma doutrina pode levar o adulto a mudar os seus objetivos, identidade, podendo haver mudanças positivas no comportamento e na saúde mental.

Realizando uma comparação entre a faixa etária dos idosos e as outras fases previamente analisadas, é plausível afirmar que os idosos apresentam um nível mais elevado de religião. Aparentemente, as pessoas mais velhas sempre foram mais religiosas do que os jovens. Se têm considerado Deus como julgador (a fonte de todos os seus problemas) ou como uma figura paterna (uma rocha na tempestade da vida), têm sempre tido mais consideração pela religião do que os seus filhos. Este tipo de diferença de gerações tem-se refletido e é, cada vez mais, apoiada por estudos de crença religiosa. Uma investigação realizada por Jacobs e Worcester (1990) ilustra esse ponto com clareza, revelando que 67% das pessoas com idade entre 15 e 34 anos acreditam em Deus em comparação com 87% de pessoas com mais de 55 anos.

A interpretação do fator idade é, no entanto, difícil. Será esta uma característica da idade ou grupo? Está este fator relacionado com as pessoas quando envelhecem, uma vez que se tornam mais conservadores sobre os seus pontos de vista? Será uma questão social em oposição a uma mudança individual? Pois aqueles que crescem de modo mais laico têm crenças persistentemente diferentes daqueles que nascem num ambiente mais religioso. Na verdade, a religião (tanto em termos de crença e prática) parece ser desproporcionalmente atrativa para as mulheres idosas da Grã-Bretanha, Europa Ocidental e os Estados Unidos, uma parte da população que está crescendo demograficamente (Davie e Vincent, 1998)

Através de um leque variado de pesquisas efetuado, foi possível estabelecer uma associação positiva entre a religião e a saúde mental, física e a satisfação com a vida. A religião apresenta-se também como fonte de significado, de objetivos de vida e um modo para lidar melhor com a morte. Em várias análises de caso, provou-se que, apesar de os sujeitos terem os recursos cognitivos diminuídos, mantém uma ligação ao Sagrado.

Nesta faixa etária, aquando da discussão entre religião e espiritualidade, os sujeitos, na sua maioria, não consideraram os construtos como diferentes. Apresentaram dificuldade em definir espiritualidade, embora haja provas de que o seu nível de reflexão filosófica aumente com a idade. Um aspeto que tem sido analisado nesta faixa etária é a diversidade do nível religioso entre géneros, raças ou tipos de religião diferentes, pois são aspetos determinantes para obter a confirmação dos dados obtidos.

2.4 Religião e outras variáveis

A religião tem sido considerada importante na análise de um número variado de fatores, que alternam desde o perdão à moralidade, do *coping* à sabedoria. Várias dimensões da religiosidade foram classificadas como positivamente relacionadas a muitos aspetos da vida das pessoas, tais como a saúde e felicidade, sendo inversamente relacionada com os estados negativos, tais como depressão (Ellison e Sherkat, 1995, *in* Elder e King, 1999). A religião também tem sido associada ao altruísmo, à cooperação interpessoal, simpatia, abertura e comportamentos cuidadores (Ellison, 1992; Morgan, 1983; Wuthnow, 1991, *in* Elder e King, 1999).

Empiricamente, um número crescente de estudos indica que as práticas religiosas estão associadas com melhores níveis de saúde mental e física (Koenig, 1995; Levin, 1994, *in* Idler e Kasl, 1997). Há muitos motivos teóricos para esperar que a religião esteja relacionada com uma melhor saúde: as crenças religiosas promovem muitas vezes boas práticas de saúde e minimizam as negativas, tais como abuso de álcool e substâncias; as comunidades religiosas fornecem contactos numa rede social coesa e apoio para pessoas com problemas de vida; a religião oferece um conjunto coerente e abrangente de crenças para interpretar os acontecimentos da vida e da morte (Idler, 1994, *in* Idler e Kasl, 1997).

Tomando como exemplo o perdão, o bem-estar e a sabedoria, confirma-se que a religião pode apresentar um papel importante em cada uma destas análises.

O perdão, segundo Barros (2004), é a capacidade de ultrapassar a mágoa, o ressentimento ou a vingança, através da compaixão. É abordado em diversas teologias, encontrando-se, nas várias religiões, encontram-se episódios em que o perdão é pedido e concedido.

O bem-estar está diretamente relacionado com a religião, na medida em que investigações provaram que os idosos mais assíduos à igreja são mais felizes. Considerando que a busca da felicidade constitui o último objetivo da existência humana, não é difícil fazer uma ligação com a sabedoria, a religião e espiritualidade.

A sabedoria pode ser considerada como uma dimensão cognitiva ou uma dimensão afetiva. Independentemente da definição (Barros, 2004), pode afirmar-se que uma pessoa sábia tenta ultrapassar as banalidades da vida, tentando concentrar-se e desvendar questões muito importantes e frequentes: a existência de Deus, o sentido profundo da vida e da morte, etc. Segundo Thao (2008), embora as tradições sugiram que a religiosidade e espiritualidade estão associadas com sabedoria, poucos estudos empíricos têm examinado a relação. O seu estudo investiga as associações entre espiritualidade e experiências místicas e dois tipos de sabedoria: a sabedoria prática, principalmente a capacidade de compreender e resolver os dilemas da vida difícil (ou um *expert* sistema de conhecimento e o mais alto nível de funcionamento mental sintetizada) e sabedoria transcendente, que vai além de auto-interesses, preconceitos, percepções e envolve a capacidade de ver as coisas ou os outros como eles são realmente.

3. Sabedoria

3.1 Definição de Sabedoria

Como todos os conceitos complexos e abstratos para o ser humano, o conceito de sabedoria despoleta várias definições de diferentes autores bastante conceituados tanto na área da psicologia como no campo da filosofia. Estas miríades de definições não são mutuamente exclusivas, sendo que se pode conceptualizar uma definição mais completa e correta para o conceito de sabedoria, se as considerarmos todas. Pode afirmar-se que a sabedoria é um marco reconhecido no desenvolvimento humano, sendo discutido em várias culturas (Baltes e Staudinger, 2000; Assmann, 1994; Kramer 2000, *in* Thao, 2008). De acordo com Kant, no seu livro *Critique of Practical Reason*, o estado máximo da verdadeira sabedoria é sentir preocupação com o final da existência prática do ser humano na Terra.

É um conceito complexo e multifacetado, que, até recentemente, apresentou dificuldades em criar definições operacionais, assim como métodos de medição uniformemente aceites. Em 1990, Sternberg, no seu livro *Wisdom: Its Nature, Genesis and Development*, apresenta 13 capítulos sobre Sabedoria, que apresentam 13 diferentes definições de sabedoria. (Thao, 2008). Entre as amplas definições, Fisher e Birren (1990, *in* Sternberg, 2005) afirmam que esta se pode considerar como a integração dos aspetos

afetivos e cognitivos das habilidades humanas e um equilíbrio entre forças opostas (por exemplo, a ação contra a inércia). Da mesma forma, Kramer (1990, *in* Thao, 2008) considerou a sabedoria como a integração de cognição e afeto.

Através dos tempos, tem sido caracterizada por vários autores como o ideal humano de carácter e conhecimento (Baltes e Staudinger, 2000). A própria definição de sabedoria no dicionário “carácter do que é dito ou pensado sabiamente; razão, juízo, retidão, justiça; saber, doutrina, ciência; totalidade dos conhecimentos adquiridos” implica este ideal. Trata-se de um construto que durante séculos foi procurado e valorizado. Nos tempos clássicos, foi mesmo classificado como uma das quatro principais virtudes: justiça, moderação, coragem e sabedoria. A sabedoria é caracterizada por uma história culturalmente rica.

Segundo a filosofia ocidental, a sabedoria deve ser considerada como uma forma analítica de conhecimento especializado, avaliação e aconselhamento sobre aspetos difíceis e incertos que acontecem na vida. Este pensamento caracteriza-se por enfatizar as características cognitivas da sabedoria (Ardelt, 2003) e por adotar a utilização de teorias explícitas que “são a construção de (supostos) especialistas e investigadores e não de leigos. No estudo da sabedoria, a maioria das teorias explícitas são baseadas em construtos da psicologia do desenvolvimento humano” (Sternberg, 1998, p.349, *cit in* Ardel, 2003). A filosofia asiática considera a sabedoria como algo atingido pelas pessoas sábias ou pelos seus produtos, não recorrendo a especialistas. Esta última abordagem é uma aproximação da utopia da sabedoria, implicando uma integração equivalente das características cognitivas, reflexivas e afetivas presentes na sabedoria. A filosofia oriental considera que este conceito é caracterizado por flexibilidade, honestidade, sensibilidade, compreensão e altruísmo (Ardelt, 2003), traduzindo-se na pesquisa implícita sobre este tema.

Além da sabedoria explícita e implícita, este é um conceito que pode apresentar outras denominações e vertentes, como por exemplo: sabedoria prática e sabedoria transcendente. Pode-se afirmar que tal como o conceito de inteligência, este é um conceito multifacetado

De acordo com a perspectiva filosófico-teológica, a sabedoria identifica-se, maioritariamente, com uma forma superior de conhecimento; não um simples saber, antes um domínio do saber, uma arte de saber (Barros, 2004). Escritos bíblicos transmitem também informações que estabelecem uma relação entre a sabedoria, a virtude e Deus.

Vários psicólogos têm descrito a sabedoria como um caminho entre os extremos, uma dinâmica entre conhecimento e dúvida e entre uma coordenação entre motivação, emoção e pensamento. Baltes, Maciel, Smith e Staudinger (1998) afirmam que a sabedoria

constituiu sempre o fim supremo do desenvolvimento humano, particularmente na idade adulta. Foucault considera sabedoria como a descrição da história, do coletivo, memória dos anos que ficou na memória através de várias formas, como livros, textos, histórias e técnicas que tornam possível recuperar essas memórias e a facilitar aceder à marca latente que o sujeito adquiriu desse conhecimento. É importante relembrar que um documento, enquanto objeto, é um documento mudo, que não pode ser reinterpretado, não apresenta vitalidade ou autonomia. Estas são características que apenas o sujeito lhe pode atribuir, construindo assim a sua sabedoria.

Como Piaget disse “Quando alguém aprende não possui sabedoria, mas compreensão; é graças à memória que as pessoas têm sabedoria.” (cit in San Segundo, 2002). Pode associar-se que assim como ter sabedoria é recordar, também a procura se torna parte da sabedoria. O indivíduo capacitado para fazer buscas e associações pertinentes procura alcançar a sabedoria humana através de sabedoria “artificial”.

Robinson (1990, in Sternberg, 2005) sugere a existência de três tipos diferentes de sabedoria: sabedoria como a) *sophia*, que se pode encontrar naqueles que procuram uma vida contemplativa em busca da verdade; b) *phronesis*, que se trata da sabedoria prática demonstrada pelos políticos e legisladores; e c) *episteme*, encontrada em quem compreende as coisas por um ponto de vista científico.

Um dos autores que se pode considerar especialista na investigação contemporânea e explícita da sabedoria é Paul Baltes (Baltes, Maciel, Smith e Staudinger, 1998; Baltes e Staudinger, 2000; Baltes e Kubmann, 2003), que define sabedoria como um conhecimento especializado e fundamental dos aspetos pragmáticos da vida. Aqui impõe-se a questão de que a definição, operacionalização e medição do conceito da sabedoria não deveria estar reduzida a indivíduos especialistas num certo tópico, mas estar reservadas a pessoas sábias. Tendo sempre em conta que as pessoas sábias estão próximas da sabedoria, mas elas próprias não são a sabedoria.

Baltes e Staudinger (2000) pesquisaram literatura religiosa e filosófica, assim como definições comuns de sabedoria e sugerem que indivíduos sábios ou que apresentam sabedoria sabem bastante; preferem observar os problemas numa perspetiva a longo prazo; veem as coisas em contexto; são flexíveis na tomada de múltiplas perspetivas e reconhecem a incerteza da vida e os limites do seu conhecimento. Segundo Meacham (1990), a sabedoria deve ser considerada como uma atitude para com crenças, valores e informação. Para este autor, a sabedoria não se trata da informação a que um sujeito tem acesso, mas o modo como expressa e utiliza essa informação.

Estes exemplos de definições e opiniões diferentes sobre sabedoria tiveram sucesso em demonstrar a sua importância para a civilização. Permitiram observar igualmente algumas características tradicionalmente associadas à sabedoria: o uso de informação e valores éticos e pessoais.

Csikszentmihalyi e Rathunde (*cit in* Rowley e Slack, 2009) consideram que a sabedoria apresenta três dimensões particulares de significado: a) um processo cognitivo ou uma maneira de saber; b) uma virtude em que se torna o melhor guia para o bem supremo, apresentando o guia mais indicado para a ação; c) um bem pessoal, uma experiência recompensadora intrinsecamente que apresentou ao sujeito a maior felicidade existente. Segundo estes autores, a sabedoria não é uma experiência unicamente altruísta, sendo que especificam os benefícios pessoais (experiência recompensadora).

Esta conjectura apresenta concordância com a hipótese de Baltes e Kubmann (2003), que afirmam que a sabedoria não se trata de um conceito maioritariamente cognitivo. Pelo contrário, a sabedoria apresenta características cognitivas, emocionais e motivacionais. Estes autores sugerem que, quem apresenta sabedoria, demonstra uma maior preocupação com o bem-estar de terceiros do que pelo seu próprio bem-estar. Estudos provam, também, que a sabedoria possui uma propriedade transformadora, que pode ser considerada como uma estratégia de *coping* especial, em que o indivíduo consegue estruturar as forças intelectuais e afetivas que possua, (Baltes e Staudinger, 2000), tornando-as disponíveis para a resolução do seu problema único.

Curiosamente, num estudo de Rowley e Slack (2009), verificou-se, que quando as pessoas davam a sua própria definição de sabedoria, os termos mais referidos eram: conhecimento (59%); experiência (47%) e conhecimento aplicado (33%). A verdade foi apenas referida por 3% dos sujeitos, indicando que não é um conceito diretamente relacionado com sabedoria para esta população. Bluck e Glück (2011) investigaram as definições de sabedoria de pessoas denominadas leigas, focando-se nas noções sobre o desenvolvimento da sabedoria. Os participantes que apresentaram uma "conceção cognitiva" avaliaram características cognitivas e reflexivas como fundamentais na sabedoria e importante a aprendizagem com pessoas "sábias"; os participantes, com uma "conceção integrativa", consideraram como essenciais características afetivas, considerando todos os desafios da vida importantes. Apesar de ser complicado para a maioria das pessoas apresentar uma definição de sabedoria, é assumido que são intuitivamente capazes de identificar pessoas sábias (Assmann 1994; Denney et al.1995, *in* Ardelt, 2003).

As concepções variaram de acordo com a idade e o género, tendo sempre em atenção facto de a sabedoria ser um conceito incapaz de ser inteiramente medido por médias. Neste ponto, é notável a discussão que este conceito ainda causa, devido à sua extensa complexidade. Apesar de já ter sido analisado em diversas ocasiões, continua a apresentar questões a quem o estuda e as investigações apresentam um certo nível de ambiguidade.

Os métodos de pesquisa e formas de medir a sabedoria sempre se apresentaram como diversas, pois como não existe uma definição universal de sabedoria também não existe metodologia uniformizada. O *Berlin Wisdom Paradigm* conduzido por Baltes e colegas (Baltes, Maciel, Smith e Staudinger, 1998; Baltes e Staudinger, 2000; Baltes e Kubmann, 2003) foi o programa de pesquisa mais extensivo realizado sobre o tema. De modo a medir o desempenho da sabedoria formularam cinco componentes em que esta é refletida: o conhecimento factual (geral e específico sobre as condições de vida e as suas variações), o conhecimento processual (geral e específico sobre questões de aconselhamento sobre as questões de vida), contextualização da expectativa de vida (conhecimento sobre os contextos de vida e as suas relações desenvolvimentais), e a incerteza do conhecimento (o pensamento relativista e tolerância / aceitação da incerteza).

Sternberg (1990) apresenta uma teoria, com base no *Yale Program of Research*, sugerindo que o desenvolvimento da sabedoria pode ter como base seis componentes característicos: o conhecimento, abrangendo a compreensão dos seus pressupostos e limitações; processos, incluindo a compreensão dos problemas que devem ser resolvidos automaticamente e dos que não devem; um estilo de pensamento judicial, caracterizado pelo desejo de julgar e avaliar de modo aprofundado; personalidade, incluindo a tolerância da ambiguidade e o papel dos obstáculos na vida; motivação, especialmente a motivação para entender o que se sabe e o seu significado; e o contexto ambiental, envolvendo uma apreciação dos fatores contextuais que levam a várias ações (*cit in* Sternberg, 2005)

Ardelt (2003) realizou investigação para promover o desenvolvimento de uma escala de sabedoria tridimensional (3D-WS), em que este construto foi encarado como uma variável latente com indicadores cognitivos, reflexivos e afetivos. Esta escala foi considerada como um instrumento válido para estudar a sabedoria em diversas populações, com o intuito de analisar a evolução da sabedoria ao longo do desenvolvimento humano.

3.2 Sabedoria ao longo do desenvolvimento

O conceito de sabedoria, popularmente associado a uma idade avançada, foi negligenciado durante o século XX. Recentemente, passou a ser estudado a nível académico, mas continua sem ser um conceito compreendido na sua totalidade.

As teorias cognitivas do envelhecimento sugerem, que com o desenvolvimento, a sabedoria aumenta ou estabiliza (Staudinger, 1999, *in* Bluck e Glück, 2011). Pelo que a expressão “mais velho e mais sábio” não está completamente incorreta. No entanto, se a sabedoria está relacionada com a experiência (Assmann, 1994; Clayton e Birren, 1980, *in* Thao, 2008), não deveria estar automaticamente relacionada com o envelhecimento (Brugman, 2006; Vaillant, 2002, *in* Thao, 2008).

Pode presumir-se que a idade seja apenas um contexto facilitador para o desenvolvimento da sabedoria, ou seja, em certas condições pode considerar-se esta relação como existente, mas não como suficiente. A informação relativa à sabedoria explícita (medida quantitativa de quanto uma pessoa é sábia) sugere que a idade não é um critério satisfatório de predição. Uma revisão de quatro estudos explicitou que, entre os 20 e os 89 anos, existe estabilidade e não crescimento, nos níveis de sabedoria relacionados com o conhecimento. (Baltes e Staudinger, 2000). Entre a adolescência e a adultez existe um crescimento oblíquo, relativamente aos níveis de sabedoria.

O facto de não existirem diferenças significativas na idade relativamente à sabedoria explícita não implica que a idade não seja um parâmetro interessante para analisar a sabedoria adquirida. É um aspeto interessante de analisar, pois permite uma posterior pesquisa sobre aspetos qualitativos da sabedoria, assim como permite identificar semelhanças e diferenças da natureza da sabedoria através de diferentes faixas etárias.

De acordo com Sternberg (2005) existem cinco pontos de vista generalizados de encarar a relação da sabedoria com a idade:

O primeiro pode identificar-se como definição atribuída, pois baseia-se na opinião de que a sabedoria se desenvolve com a idade, independentemente dos problemas de saúde que o idoso possa apresentar. A idade permite que o indivíduo alcance a sabedoria.

O segundo aspeto baseia-se no conceito de “inteligência fluida”. Esta teoria deriva de Baltes e dos seus colaboradores (Baltes, Maciel, Smith e Staudinger, 1998; Baltes e Staudinger, 2000; Baltes e Kubmann, 2003) e estabelece um paralelismo entre a sabedoria e a inteligência. Podendo, assim, afirmar que a sabedoria aumenta até ao início da idade adulta, estabilizando durante um certo período. Após a meia-idade, começa a decrescer, sendo que na melhor das hipóteses os sujeitos conseguem reter uma sabedoria satisfatória.

O terceiro aspeto encontra-se associado ao anterior, associando a sabedoria à “inteligência cristalizada”. Segundo esta, a sabedoria encontra-se em crescimento constante, até que a doença o pode impedir. De acordo com essa visão o desenvolvimento da sabedoria aumenta, então, até bastante tarde na vida.

A quarta visão constitui uma ligação entre as duas anteriores, baseando-se em ambos os conceitos de “inteligência fluida” e “inteligência cristalizada”. Implica que aumenta, ao longo do desenvolvimento humano, sem interrupções até ao final da adultez; mas, como as capacidades fluidas começam a diminuir, não se torna possível impedir a diminuição da sabedoria. Traduzindo-se no desaparecimento da sabedoria mais cedo do que a visão anterior prediz.

A quinta visão é que a sabedoria realmente diminui com a idade (Meacham, 1990), começando cedo na vida. Há evidências empíricas de declínios de sabedoria em idade muito avançada, por exemplo, para as pessoas, em média, mais de 75 (Baltes e Staudinger, 2000). Tal declínio parece estar relacionado com a decadência na saúde física.

3.3 Sabedoria e outras variáveis

Há evidências de que a sabedoria leva a graus mais elevados de bem-estar subjetivo em adultos mais velhos, mantendo constantes outras variáveis (Ardelt, 1997). Idosos sábios aceitam as limitações humanas, incluindo a morte como uma parte integral da vida. Existe portanto uma maior probabilidade de estarem satisfeitos com as suas vidas, mesmo que a situação em que se encontram não seja perfeita (Ardelt, 2008).

Bluck e Glück (2004) apresentaram um artigo em que analisavam a relação da sabedoria com as memórias autobiográficas e comprovaram que a sabedoria experienciada em curtos períodos de tempo ou em situações específicas, pode ser posteriormente utilizada para alcançar mudanças em situações difíceis de longo prazo. O que implica que a sabedoria está diretamente relacionada com as memórias do sujeito. Analisou-se assim, em que medida a sabedoria estava relacionada com este tipo de experiências e memórias, durante diversas faixas etárias ao longo da vida.

Outro construto que tem sido subjetivamente relacionado com a sabedoria é a religião. Thao (2008) apresentou um estudo em que são investigadas as associações entre espiritualidade e experiências místicas e dois tipos de sabedoria: a sabedoria prática e sabedoria transcendente. A primeira foi encontrada na maior parte de adultos mais velhos europeu-americanos e vietnamita-americanos, verificando-se que as experiências místicas promovem a sabedoria transcendente, mas que o efeito é moderado pelo

autoaperfeiçoamento dos valores do indivíduo. Os adultos vietnamitas-americanos que relataram experiências místicas e apresentaram valores elevados auto-desenvolvimento apresentaram os valores mais baixos relativamente à sabedoria transcendente.

Ser parte de uma comunidade religiosa ou espiritual encontrou-se positivamente associado com a sabedoria transcendente. Por outro lado, as experiências espiritualidade, religiosidade e mística não se relacionaram com a sabedoria prática. Não obstante a relação entre sabedoria e religião ser um tópico antigo a sua investigação apenas se tem desenvolvido recentemente.

II - Estudo Empírico

1. Objetivos e questões do estudo

O objetivo principal deste estudo é analisar a relação entre religião e sabedoria com a faixa etária e o sexo dos indivíduos. Apesar de a relação entre sabedoria e religião ser um tópico antigo a sua investigação apenas se tem desenvolvido recentemente.

Neste estudo analisar-se-á, primeiramente, a relação entre a idade e a motivação para a religião (intrínseca/extrínseca) (Dillon e Wink, 2003). Pretende-se verificar se o nível de motivação na religião é mais intrínseco nos idosos, sendo que a motivação intrínseca é mais associada a uma fase mais madura da vida. Estudos indicam que, à medida que a população envelhece, a motivação da sua religião torna-se mais inerente a si mesmo (Kimble, McFadden, Ellor e Seeber, 1995, *in* Ardelt et al. 2010). A primeira questão de investigação questiona a existência de diferenças significativas entre as dimensões (intrínseca e extrínseca) de motivação para a religião entre idosos e adultos.

Pretende-se confirmar a sugestão de Davie e Vincent (1998), que afirmaram que as mulheres apresentam uma maior atração para com a religião, apresenta-se assim a segunda questão de investigação que investiga possíveis diferenças significativas entre as dimensões (intrínseca e extrínseca) de motivação para a religião entre idosos do sexo feminino e do sexo masculino.

A terceira questão de investigação apresenta justificação nos autores previamente referidos (Davie e Vincent, 1998), pretendendo analisar se a atração dos sexos para com a religião se modifica com o envelhecimento, ou seja, se existem diferenças significativas entre as dimensões (intrínseca e extrínseca) de motivação para a religião entre adultos do sexo feminino e do sexo masculino.

Implicitamente assume-se que a sabedoria é uma característica que se desenvolve com a idade (Sternberg, 2005), embora as investigações nesse sentido não sejam absolutamente concordantes (Brugman, 2006; Vaillant, 2002 *in* Thao, 2008). Sternberg e Lubart (2001) afirmaram que as pessoas se tornam mais sábias relativamente aos problemas que confrontaram ao longo das suas vidas (*in* Hatch e Richards, 2011). Uma vez que existe a possibilidade de confirmar estes estudos a quarta questão de investigação interroga a existência de diferenças significativas nas dimensões de sabedoria (cognição, transcendência, personalidade) entre idosos e adultos.

Bailey (2009) realizou um estudo em que se verificou que as participantes do sexo feminino apresentavam valores superiores de sabedoria em comparação com os participantes do sexo masculino, pelo que foram formadas a quinta e sexta questões de investigação, em que se questiona a existência de diferenças significativas nas dimensões

de sabedoria (cognição, transcendência, personalidade) entre idosos do sexo feminino e idosos do sexo masculino; e também se há diferenças significativas nas dimensões de sabedoria (cognição, transcendência, personalidade) entre adultos do sexo feminino e adultos do masculino.

De acordo com Erikson, a sabedoria é a resolução positiva da crise da integridade vs. desespero na velhice. Caracteriza-se pela aceitação da inevitabilidade de um ciclo de vida e ajuda, para incutir confiança social e do significado das gerações mais jovens. Devido ao seu interesse no crescimento pessoal, atividades criativas, de construção de conhecimento e sabedoria, adultos mais velhos podem ter um papel altamente espiritual. Jason et al. (2001, *in* Ardelet et al. 2010) considerou elementos espirituais na sua definição de sabedoria, no entanto esta inclusão considera-se habitualmente a exceção à regra.

Nesse sentido, este estudo pretende estabelecer uma relação não só entre o envelhecimento e a sabedoria, mas incluindo também a motivação para a religião. Apresenta-se assim a sétima questão de investigação que investiga diferenças significativas na relação das dimensões de sabedoria (cognição, transcendência, personalidade) e da motivação intrínseca para a religião em adultos e em idosos.

A investigação de Thao (2008) pesquisa as associações entre espiritualidade e experiências místicas e dois tipos de sabedoria: a sabedoria prática e sabedoria transcendente. Verificando-se que as experiências místicas em adultos mais velhos promovem a sabedoria transcendente, mas que o efeito é moderado pelo autoaperfeiçoamento dos valores do indivíduo. Pelo que se pretende analisar na oitava questão de investigação, diferenças significativas na relação das dimensões de sabedoria (cognição, transcendência, personalidade) e da motivação extrínseca em adultos e em idosos.

Pretende-se que esta investigação contribua para a informação e estudo neste tema, no entanto, uma vez que se trata de um tema complexo, não se tem a pretensão de descobrir a génese desta interação, mas sim tentar contribuir com mais dados para esta pesquisa.

2. Método

2.1 Amostra

A amostra é composta por 133 participantes e encontra-se dividida em dois grupos (grupo A e grupo B).

O grupo A apresenta 74 indivíduos de idades compreendidas entre os 35 e os 45 anos; este grupo amostra encontra-se equitativamente dividido em relação ao género, pois apresenta 37 participantes do sexo masculino e 37 participantes do sexo feminino, Média (M) = 39,54 e desvio-padrão (DP) = 3,19.

O grupo B foi inicialmente constituído por 62 participantes com idades compreendidas entre 65 e os 75 anos. A população feminina nesta amostra apresentava 37 participantes do sexo feminino e 25 participantes do sexo masculino. Considerou-se que a comparação estatística beneficiaria se a proporção nesta amostra fosse mais equilibrada, pelo que foram retirados aleatoriamente três participantes femininos dos dados estatísticos utilizados, totalizando então este grupo 59 indivíduos, dentro do qual se encontram 34 participantes do sexo feminino e 25 participantes do sexo masculino, Média (M) = 69,56 e desvio-padrão (DP) = 3,43.

Os dados sócio-demográficos recolhidos permitem caracterizar a amostra como, principalmente, constituída por indivíduos casados (64,7%), em menor frequência encontram-se os divorciados (7,5%). Os solteiros e os viúvos apresentaram percentagens médias respetivamente, 16,5% e 11,3%. Os níveis de escolaridade presentes na amostra encontram-se equilibrados: até ao 4º ano – 13,5%; até ao 9º ano – 26,3%; até ao 12º ano – 23,3% e até ao ensino superior – 36,8%.

Os participantes desta investigação estão uniformemente divididos no que se relaciona com a prática da religião: 52,6% pratica algum tipo de religião em oposição a 47,4%.

A amostra foi recolhida entre dezembro de 2010 e julho de 2011 no Norte de Portugal. Todos os participantes neste estudo são de nacionalidade portuguesa e são caucasianos.

A amostragem utilizada na investigação classifica-se como amostragem não-aleatória por conveniência em que os participantes foram selecionados devido à sua disponibilidade de participação.

2.2 Instrumentos

Esta investigação baseou-se na utilização de dois instrumentos quantitativos previamente validados. Os instrumentos empregados foram selecionados devido à sua pertinência para o estudo.

O instrumento utilizado na medição para a motivação intrínseca ou extrínseca na religião foi a versão portuguesa da escala *Christian Religious Internalization Scale* (Ryan, Rigby e King, 1993, *in* Barros, 2005a). A Escala de Interiorização Religiosa (cf. Anexo C) foi traduzida e adaptada por Ferreira e Neto (2002) e posteriormente readaptada por Barros (2005a). Para esta investigação optou-se pela utilização de readaptação de Barros de Oliveira, pois anteriormente já tinha sido utilizada em grupos de participantes mais heterogéneos. O que eventualmente permite um maior conhecimento do seu comportamento estatístico, beneficiando esta investigação. Esta escala permite diferenciar dois tipos de motivação para a religião, através da resposta dos 12 itens, utilizando uma escala de Likert. Estes itens dividem-se em dois grupos de acordo com a sua dimensão: a dimensão da motivação intrínseca para a religião (itens 1, 2, 4, 6, 8, 9 e 11) e a dimensão da motivação extrínseca para a religião (itens 3, 5, 7, 10 e 12).

O instrumento utilizado para quantificar a sabedoria é da autoria de Alves (2007) e denomina-se Escala Sobre a Sabedoria (ESS) (cf. Anexo D). Este instrumento abarca três dimensões da sabedoria: cognição (itens 4, 6, 9, 11, 13, 15 e 17), personalidade (itens 1, 2, 5, 7, 12 e 14) e o transcendente (itens 3, 8, 10 e 16). É esta última dimensão que é mais significativa para esta investigação. Esta escala tem como principal objetivo identificar as condições que são normalmente associadas aos conceitos de “sábua” e de “sabedoria”. Foi escolhida esta escala pela relação implícita entre a religião e a sabedoria, e também pelo facto de se tratar de um instrumento português, o que potencialmente diminuiu dificuldades com base na aplicação de uma escala com uma base culturalmente diferente.

Para recolher as restantes variáveis foi apresentado um questionário sócio-demográfico. Neste questionário foram pedidos: o género, a sua idade, nível escolar do sujeito, estado civil e se o indivíduo é praticante ou não na sua religião (cf. Anexo B).

O questionário final apresentado foi constituído por um total de 5 páginas e demorou uma média de quinze minutos a ser concluído.

2.3 Procedimento

Previamente à entrega dos questionários foi explicado aos participantes a estrutura do formulário e o tema que iria abordar, reforçando a confidencialidade e anonimato a

todos os que optassem por preencher o questionário. Explicou-se aos voluntários que o tempo de preenchimento do questionário teria a duração de cerca de quinze minutos.

Anteriormente à aplicação dos instrumentos, foi apresentado aos participantes um texto explicando a constituição do questionário (cf. Anexo A).

Os instrumentos foram aplicados individualmente a todos os sujeitos pela investigadora. Apenas foi necessária uma sessão de aplicação por cada sujeito. De modo geral, a aplicação feita de modo individual permite que seja possível ter um conhecimento direto de todos os sujeitos, de modo a contribuir com informações válidas e pertinentes para a discussão de conteúdos que não se encontrem nos instrumentos.

Posteriormente foi realizada a análise estatística, através da utilização do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 18.

3. Resultados

Inicialmente realizou-se uma análise descritiva dos dados demográficos obtidos pelos questionários aplicados aos adultos e aos idosos, de modo a facilitar a caracterização da amostra. A amostra, como anteriormente mencionado, é constituída por 133 participantes e encontra-se dividida em dois grupos (cf. tabela 1).

Tabela 1 – Análise descritiva – medidas de tendência central e de dispersão

	Média (M)	Moda	Mediana	Desvio-Padrão (DP)
Adultos (N=74)	39,54	38	39	3,19
Idosos (N=59)	69,56	65	69	3,43

O grupo A apresenta 74 indivíduos de idades compreendidas entre os 35 e os 45 anos. Este grupo amostra encontra-se equitativamente dividido em relação ao género, pois apresenta 37 participantes do sexo masculino e 37 participantes do sexo feminino. As medidas de tendência central são: Média (M) = 39,54, moda = 38, mediana = 39 e desvio-padrão (DP) = 3,19.

O grupo B apresenta 59 indivíduos de idades compreendidas entre os 65 e 75 anos e divide-se em 34 participantes do sexo feminino e 25 participantes do sexo masculino. As medidas de tendência central são: Média (M) = 69,56, moda = 65, mediana = 69 e desvio-padrão (DP) = 3,43.

Com o intuito de verificar a consistência interna das escalas utilizadas na investigação optou-se pelo cálculo o *alfa de Cronbach* (α), uma das medidas de consistência interna mais utilizada na investigação em ciências sociais. Considera-se que um instrumento ou teste é classificado como tendo fiabilidade apropriada quando o α é pelo menos 0,70 (Nunnally, 1978, *in* Garcia-Marques e Maroco, 2006). Contudo, em alguns cenários de investigação das ciências sociais, outros valores inferiores são considerados como válidos tendo em conta a precaução da análise dos resultados. Peterson (1994, *in* Garcia-Marques e Maroco, 2006) numa meta-análise da utilização do *alpha de Cronbach* a nível da literatura das ciências sociais e humanas, observou um α médio de 0,70 a 0,82.

Tabela 2 – *Alfa de Cronbach* para a Escala de Interiorização Religiosa

Investigações		<i>Alfa de Cronbach</i>
Barros (2005a)	Motivação intrínseca para a religião	0,78 (N=387)
	Motivação extrínseca para a religião	0,75 (N=387)
Presente estudo (2011)	Motivação intrínseca para a religião	0,90 (N=133)
	Motivação extrínseca para a religião	0,89 (N=133)

A Escala de Interiorização Religiosa apresentou para cada uma das suas sub-escalas um valor elevado desta medida: para a dimensão da motivação intrínseca para a religião (itens 1, 2, 4, 6, 8, 9 e 11) o *alfa de Cronbach* foi de 0,90 e para a motivação extrínseca para a religião (itens 3, 5, 7, 10 e 12) $\alpha = 0,89$. Ao comparar estes resultados com os obtidos pelo autor da escala (Barros, 2005a), O *alfa de Cronbach* da motivação intrínseca para a religião foi de 0,78 enquanto para a motivação extrínseca para a religião $\alpha = 0,75$ (cf. tabela 2). Verifica-se um aumento nos valores entre os estudos, que pode advir do facto de esta investigação ser destinada a uma população menos específica que o estudo inicial (que incluía na amostra freiras, seminaristas, professores e alunos).

Tabela 3 – *Alfa de Cronbach* para a Escala sobre a Sabedoria

Investigações	Dimensões	<i>Alfa de Cronbach</i>
Alves (2007)	Cognição	0,74 (N=104)
	Transcendência	0,78 (N=104)
	Personalidade	0,76 (N=104)
Presente estudo (2011)	Cognição	0,82 (N=133)
	Transcendência	0,85 (N=133)
	Personalidade	0,82 (N=133)

A Escala sobre a Sabedoria (Alves, 2007) apresentou neste estudo *alfa de Cronbach* elevados para cada uma das suas três dimensões: a dimensão da cognição implica $\alpha = 0,82$, a dimensão da transcendência apresenta $\alpha = 0,85$ e finalmente para a dimensão da personalidade o valor de *alfa de Cronbach* foi de 0,82. Estes resultados podem destoar quando em comparação com o valor de *alfa de Cronbach* obtido por Alves (2007) pois a amostra do autor da escala foi inferior à deste estudo (cf. tabela 3). Segundo Garcia-Marques e Maroco (2006) a dimensão da amostra comporta-se inversamente em relação à estimativa da sua variância.

Para avaliar a correlação entre as diferentes dimensões da Escala de Interiorização Religiosa (Barros, 2005a) e Escala sobre a Sabedoria (Alves, 2007), foi utilizado o coeficiente de correlação *Phi de Pearson*.

Primeiramente foi investigada a relação entre as dimensões da Escala de Interiorização Religiosa – motivação intrínseca e motivação extrínseca para a religião (cf. tabela 4).

Tabela 4 – Correlação entre as dimensões da Escala de Interiorização Religiosa – motivação intrínseca e motivação extrínseca para a religião

Motivação extrínseca para a religião		
Motivação intrínseca para a religião	Correlação de Pearson	0,625
	Sig.	0,000***

*** $p < 0.001$

A relação entre estas duas dimensões revelou a existência de uma correlação significativa positiva forte entre ambas uma vez que $r = 0,625$, $p < 0,001$. Existem diversas sugestões para interpretar os valores obtidos nesta análise. Este estudo baseia-se em Cohen (1988, in Pallant, 2003) que sugere a seguinte divisão: $r = 0,10$ a $0,29$ ou $r = -0,10$ a $-0,29$

representa uma correlação pequena; $r = 0,30$ a $0,49$ ou $r = -0,30$ a $-0,49$ representa uma correlação média; e $r = 0,50$ a $1,0$ ou $r = -0,50$ a $-1,0$ representa uma correlação grande.

O coeficiente de determinação (r^2) obtido é de 0,391, o que implica que 39,1% da variância da motivação intrínseca para a religião pode ser explicada pela variância da motivação extrínseca para a religião. Esta relação é mútua.

Seguidamente foi analisada a correlação entre as três dimensões da Escala sobre a Sabedoria – cognição, transcendência e personalidade. Verificando-se a existência de três correlações significativas positivas (cf. tabela 5).

Tabela 5 – Correlação entre as três dimensões da Escala sobre a Sabedoria – cognição, transcendência e personalidade.

		Sabedoria cognição	Sabedoria transcendente	Sabedoria personalidade
Sabedoria cognição	Correlação de Pearson	1	0,272	0,654
	Sig.		0,002**	0,000***
Sabedoria transcendente	Correlação de Pearson	0,272	1	0,569
	Sig.	0,002**		0,000***
Sabedoria personalidade	Correlação de Pearson	0,654	0,569	1
	Sig.	0,000***	0,000***	

** $p < 0.01$

*** $p < 0.001$

A relação entre a sabedoria cognitiva e a sabedoria transcendente apresentou uma correlação pequena de $r = 0,272$, $p = 0,002$. O coeficiente de determinação (r^2) obtido é de 0,0739, o que implica que 7,39% da variância da sabedoria cognitiva pode ser explicada pela variância da sabedoria transcendente (e vice-versa).

A relação entre a sabedoria cognitiva e a sabedoria da personalidade apresentou-se como forte e positiva, $r = 0,654$, $p < 0,001$. O coeficiente de determinação (r^2) obtido é de 0,427, o que implica que 42,77% da variância da sabedoria cognitiva pode ser explicada pela variância da sabedoria da personalidade (e vice-versa).

A relação entre a sabedoria transcendente e a sabedoria da personalidade foi positiva e forte, apresentando os valores $r = 0,569$, $p < 0,001$. O coeficiente de determinação (r^2) obtido é de 0,324 o que implica que 32,4% da variância da sabedoria transcendente pode ser explicada pela variância na sabedoria da personalidade (e vice-versa).

Finalmente foi analisada a correlação entre as dimensões das duas escalas utilizadas nesta investigação, confirmando a correlação estatisticamente significativa em algumas delas e demarcando também as relações não significativas (cf. tabela 6)

Tabela 6 - Correlação entre as dimensões da Escala de Interiorização Religiosa – motivação intrínseca e motivação extrínseca para a religião e as três dimensões da Escala sobre a Sabedoria – cognição, transcendência e personalidade.

		Motivação intrínseca para a religião	Motivação extrínseca para a religião
Sabedoria cognição	Correlação de Pearson	0,002	-0,225
	Sig.	0,982	0,009**
Sabedoria transcendente	Correlação de Pearson	0,549	0,395
	Sig.	0,000***	0,000***
Sabedoria personalidade	Correlação de Pearson	0,062	-0,075
	Sig.	0,476	0,393

** $p < 0.01$

*** $p < 0.001$

As correlações estatisticamente significativas foram observadas em três situações: na interação entre a motivação intrínseca e a sabedoria transcendente a correlação foi forte, $r = 0,549$, $p < 0,001$. O coeficiente de determinação (r^2) obtido é de 0,3014, o que implica que 30,14% da variância da motivação intrínseca pode ser explicada pela variância da sabedoria transcendente. Novamente esta é uma relação recíproca.

Na interação entre a motivação extrínseca e a sabedoria cognitiva a correlação foi moderada $r = -0,225$, $p = 0,009$. O coeficiente de determinação (r^2) obtido é de 0,0506, o que implica que 5,06% da variância da motivação extrínseca pode ser explicada pela variância da sabedoria cognitiva. No entanto, como o valor da correlação apresentou o sentido negativo esta correlação é inversa, ou seja, o aumento da motivação extrínseca é responsável por 5,06% de diminuição da sabedoria cognitiva (ou vice-versa).

Por fim, na interação entre a motivação extrínseca e a sabedoria transcendente a correlação foi moderada $r = 0,395$, $p < 0,001$. O coeficiente de determinação (r^2) obtido é de 0,1560, o que implica que 15,60% da variância da motivação extrínseca pode ser explicada pela variância da sabedoria transcendente (efeito mútuo).

As correlações que não foram classificadas como estatisticamente significativas apresentam valores residuais: a interação entre a motivação intrínseca e a sabedoria cognitiva, $r = 0,002$ *ns.*; a interação entre a motivação intrínseca e a sabedoria da personalidade $r = 0,062$ *ns.* e por último a interação entre a motivação extrínseca e a

sabedoria da personalidade $r = -0,075$ ns. Ao contrário das outras correlações não significativas, esta apresenta tendência negativa que poderá implicar que estas duas dimensões apresentam uma possível relação inversa.

Para a avaliação da significância das diferenças nas dimensões da Escala de Interiorização Religiosa – motivação intrínseca e motivação extrínseca para a religião – relativamente à idade, procedeu-se à análise de variância do teste *t de Student*. (*Independent Sample T-Test*).

Tabela 7 – Análise de variâncias em função da idade nas dimensões da Escala de Interiorização Religiosa

	Adultos (N=74)	Idosos (N=59)	T	P
Motivação intrínseca para a religião	18,65 (5,35)	21,98 (4,46)	- 3,838	0,00***
Motivação extrínseca para a religião	9,14 (3,84)	12,31 (3,79)	-4,736	0,00***

*** $p < 0.001$

A motivação intrínseca (cf. tabela 7) para a religião nos adultos apresentou em $M = 18,65$ e $DP = 5,35$, enquanto esta mesma dimensão para os idosos apresentou $M = 21,98$ e $DP = 4,46$. De acordo com o teste efetuado as diferenças observadas entre os valores médios dos dois grupos são estatisticamente significativas ($t(131) = -3,838$, $p < 0,001$).

A motivação extrínseca para a religião nos adultos apresentou $M = 9,14$ e $DP = 3,84$, na mesma dimensão os idosos apresentaram $M = 12,31$ e $DP = 3,79$. Segundo esta informação as diferenças observadas entre os dois grupos são estatisticamente significativas ($t(131) = -4,736$, $p < 0,001$).

Para a avaliação da significância das diferenças nas dimensões da Escala de Interiorização Religiosa – motivação intrínseca e motivação extrínseca para a religião – relativamente ao sexo dos participantes, procedeu-se novamente à análise de variância do teste *t de Student*. (*Independent Sample T-Test*). De modo a facilitar a análise destes dados a amostra foi dividida em grupos A (adultos) e B (idosos).

Tabela 8 - Análise de variâncias em função do sexo nas dimensões da Escala de Interiorização Religiosa – grupo A

	Masculino (N=37)	Feminino (N=37)	T	P
Motivação intrínseca para a religião	17,86 (6,21)	19,43 (4,26)	- 1,27	0,210
Motivação extrínseca para a religião	8,78 (3,66)	9,51 (4,03)	-0,816	0,417

A análise da motivação intrínseca para a religião nos adultos (grupo A) (cf. tabela 8) do sexo masculino não apresentou homogeneidade de variâncias, no entanto a robustez deste tipo de teste permite que os resultados sejam apresentados. Tendo atenção especial nas inferências dele retirada. Esta relação apresentou $M = 17,86$ e $DP = 6,21$, enquanto os adultos do sexo feminino apresentaram $M = 19,43$ e $DP = 4,26$. Segundo esta análise as diferenças observadas entre os valores médios dos dois grupos não são estatisticamente significativas ($t(63,761) = -1,27$ ns.)

A motivação extrínseca para a religião nos elementos do grupo A do sexo masculino apresentou $M = 8,78$ e $DP = 3,66$, enquanto os adultos do sexo feminino apresentaram $M = 9,51$ e $DP = 4,03$. De acordo com o teste realizado as diferenças observadas entre os valores médios dos dois grupos não são estatisticamente significativas ($t(72) = -0,816$ ns.)

Tabela 9 - Análise de variâncias em função do sexo nas dimensões da Escala de Interiorização Religiosa – grupo B

	Masculino (N=25)	Feminino (N=34)	<i>T</i>	<i>P</i>
Motivação intrínseca para a religião	20,64 (4,91)	22,97 (3,88)	- 2,04	0,046*
Motivação extrínseca para a religião	12,48 (3,64)	12,18 (3,95)	0,301	0,764

* $p < 0.05$

Como se pode observar na tabela 9, a motivação intrínseca para a religião nos idosos do sexo masculino apresentou $M = 20,64$ e $DP = 4,91$ em comparação com os idosos do sexo feminino apresentaram $M = 22,97$ e $DP = 3,88$. As diferenças observadas entre os valores médios dos dois grupos são estatisticamente significativas ($t(57) = -2,04$; $p = 0,046$).

A motivação extrínseca para a religião nos participantes do grupo B do sexo masculino apresentou $M = 12,48$ e $DP = 3,64$ enquanto os idosos do sexo feminino apresentaram $M = 12,18$ e $DP = 3,95$. Segundo a análise as diferenças observadas entre os valores médios dos dois grupos não são estatisticamente significativas ($t(57) = 0,301$ ns.).

Para a avaliação da significância das diferenças nas dimensões da Escala sobre a Sabedoria – cognição, transcendência e personalidade – relativamente à idade, procedeu-se a uma série de análises de variância do teste *t de Student*. (*Independent Sample T-Test*).

Tabela 10 - Análise de variâncias em função da idade nas dimensões da Escala sobre a Sabedoria

	Adultos (N=74)	Idosos (N=59)	T	P
Sabedoria Cognitiva	27,26 (4,47)	27,71 (4,40)	- 0,587	0,558
Sabedoria Transcendente	11,95 (3,44)	13,98 (3,84)	- 0,322	0,002***
Sabedoria da Personalidade	21,93 (4,36)	22,54 (4,48)	- 0,792	0,430

*** $p < 0.001$

A sabedoria cognitiva nos adultos apresenta $M = 27,26$ e $DP = 4,47$ enquanto a média dos idosos para esta dimensão é de $27,71$ e $DP = 4,40$. Segundo o teste *t-student* as diferenças observadas entre os valores médios de cada grupo não são estatisticamente significativas ($t(131) = -0,587$ ns.).

A sabedoria transcendente nos adultos apresenta $M = 11,95$ e $DP = 3,44$. Em comparação a mesma dimensão nos idosos apresenta $M = 13,98$ e $DP = 3,84$. De acordo com esta análise as diferenças observadas entre os valores médios de cada grupo são estatisticamente significativas ($t(131) = -0,322$, $p = 0,002$). Embora sejam apenas dois pontos percentuais (cf. tabela 10).

A sabedoria da personalidade nos adultos apresenta $M = 21,93$ e $DP = 4,36$ enquanto os idosos apresentaram $M = 22,54$ e $DP = 4,48$. Segundo esta análise as diferenças observadas entre os valores médios de cada grupo não são estatisticamente significativas ($t(131) = -0,792$ ns.).

Para a avaliação da significância das diferenças nas dimensões da Escala sobre a Sabedoria – sabedoria cognitiva, sabedoria transcendente e sabedoria da personalidade – relativamente ao sexo dos participantes, procedeu-se a um nova sequência de análises de variância do teste *t de Student*. (*Independent Sample T-Test*). De modo a facilitar a análise destes dados a amostra foi dividida em grupos A (adultos) e B (idosos).

Tabela 11 - Análise de variâncias em função do sexo nas dimensões da Escala sobre a Sabedoria – grupo A

	Masculino (N=37)	Feminino (N=37)	T	P
Sabedoria Cognitiva	27,19 (4,39)	27,32 (4,61)	-0,129	0,898
Sabedoria Transcendente	11,57 (4,02)	12,32 (2,75)	-0,946	0,348
Sabedoria da Personalidade	21,27 (4,43)	22,60 (4,25)	-1,312	0,194

Como se pode observar na tabela 11, a sabedoria cognitiva nos adultos (grupo A) do sexo masculino apresentou $M = 27,19$ e $DP = 4,39$, enquanto os adultos do sexo

feminino apresentaram $M = 27,32$ e $DP = 4,61$. De acordo com o teste não existem diferenças estatisticamente significativas ($t(72) = -0,129$ ns.)

A sabedoria transcendente nos adultos do sexo masculino apresentou $M = 11,57$ e $DP = 4,02$, já a sabedoria transcendente nos adultos do sexo feminino: $M = 12,32$ e $DP = 2,75$. De acordo com a análise as diferenças observadas entre os valores médios dos dois grupos não são significativas ($t(63,652) = -0,946$ ns.). O teste de Levene não apresentou homogeneidade de variâncias, no entanto a robustez deste tipo de teste permite que os resultados sejam apresentados. Tendo atenção especial nas inferências dele retirada.

A sabedoria da personalidade nos adultos do sexo masculino apresentou $M = 21,27$ e $DP = 4,43$, enquanto os adultos do sexo feminino apresentaram $M = 22,60$ e $DP = 4,25$. O teste indica que as diferenças observada pelos valores médios dos dois grupos não são significativas ($t(72) = -1,312$ ns.)

Tabela 12 - Análise de variâncias em função do sexo nas dimensões da Escala sobre a Sabedoria – grupo B

	Masculino (N=37)	Feminino (N=37)	<i>T</i>	<i>P</i>
Sabedoria Cognitiva	27,20 (3,79)	28,09 (4,82)	-0,763	0,449
Sabedoria Transcendente	13,08 (3,83)	14,65 (3,77)	-1,567	0,123
Sabedoria da Personalidade	21,64 (4,71)	23,21 (4,26)	-1,335	0,187

Como se pode observar na tabela 12, a sabedoria cognitiva nos idosos do sexo masculino apresentou $M = 27,20$ e $DP = 3,79$ em comparação com $M = 28,09$ e $DP = 4,82$ do sexo feminino. De acordo com a análise estatística, as diferenças observadas entre os valores médios dos dois grupos não são estatisticamente significativas ($t(57) = -0,763$ ns.).

A sabedoria transcendente nos idosos do sexo masculino apresentou $M = 13,08$ e $DP = 3,83$ enquanto os idosos do sexo feminino apresentaram $M = 14,65$ e $DP = 3,77$. Segundo o teste *t-student* as diferenças observadas entre os valores médios não são estatisticamente significativos ($t(57) = -1,567$ ns.).

A sabedoria da personalidade nos idosos do sexo masculino apresentou $M = 21,64$ e $DP = 4,71$ enquanto os idosos do sexo feminino apresentaram $M = 23,21$ e $DP = 4,26$. A análise demonstra que as diferenças observadas entre os valores médios não são estatisticamente significativas ($t(57) = -1,335$ ns.).

Efetuuou-se uma análise de variância multivariada (MANOVA) para avaliar se existe interação entre as dimensões da Escala de Interiorização Religiosa (motivação intrínseca e motivação extrínseca para a religião) e as dimensões da Escala sobre a

Sabedoria (cognitiva, transcendente e da personalidade). As idades dos participantes foram também consideradas nesta análise.

Primeiramente foi analisada a interação entre a motivação intrínseca para a religião e as dimensões da sabedoria relativamente ao grupo A (cf. tabela 13).

Tabela 13 – Interação entre a motivação intrínseca e a sabedoria – Grupo A

Efeito	Λ_{Roy}	F	$df1$	$df2$	Sig.
Motivação intrínseca x Sabedoria	1,688	4,797	19,000	54,000	0,000***

*** $p < 0.001$

Ao examinar a interação entre a motivação intrínseca para a religião e as três dimensões da sabedoria simultaneamente foi possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas: Roy's Largest Root = 1,688; $F(19, 54) = 4,79$, $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,628$. Este resultado implica que pelo menos uma das variáveis dependentes apresenta um comportamento estatisticamente significativo.

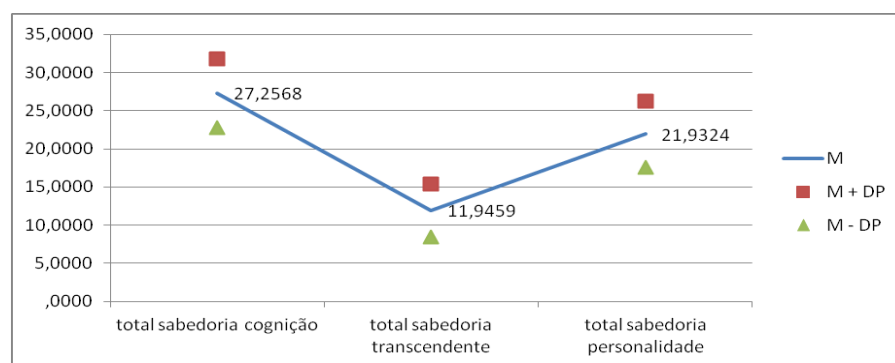


Figura 1 – Análise da variância da relação entre a motivação intrínseca e as dimensões de sabedoria – Grupo A.

Ao considerar os resultados de cada variável dependente individualmente (cf. figura 1) foi possível verificar-se a ausência de interação a motivação intrínseca e a dimensão da cognição: $F(19, 54) = 0,965$, $p = 0,513$; $\eta^2 = 0,253$ e da personalidade: $F(19, 54) = 0,746$, $p = 0,756$; $\eta^2 = 0,208$. A dimensão transcendente da sabedoria apresentou diferenças significativas: $F(19, 54) = 3,882$, $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,577$.

Tabela 14 – Interação entre a motivação extrínseca e a sabedoria – Grupo A

Efeito	Λ_{Roy}	F	$df1$	$df2$	Sig.
Motivação extrínseca x Sabedoria	0,940	4,778	12,000	61,000	0,000***

*** $p < 0.001$

A interação entre a motivação extrínseca para a religião e as dimensões da sabedoria relativamente ao grupo A (cf. tabela 14), consideradas simultaneamente demonstraram a existência de diferenças significativas: Roy's Largest Root = 0,940; $F(12,61) = 4,778$, $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,485$.

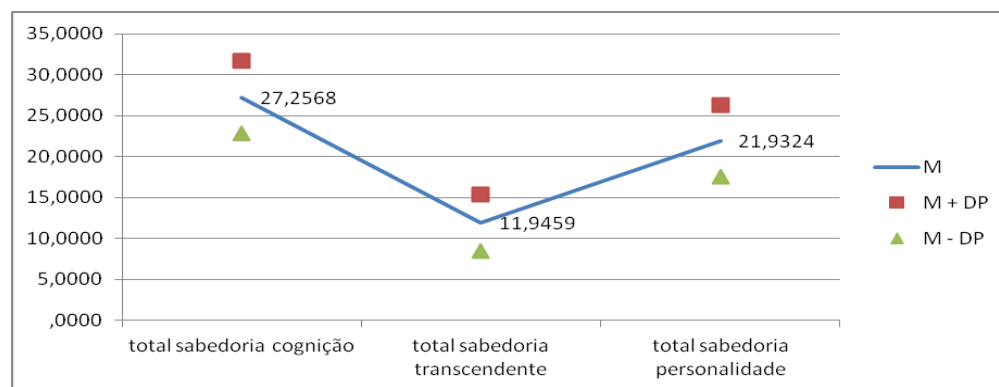


Figura 2 – Análise de variância da relação entre a motivação extrínseca e as dimensões de sabedoria – Grupo A.

Ao considerar os resultados de cada variável dependente individualmente (cf. figura 2) foi possível verificar-se a ausência de diferenças estatisticamente significativas relativamente à dimensão da personalidade: $F(12, 61) = 0,930$, $p = 0,524$; $\eta^2 = 0,155$; No entanto foi possível verificar-se a existência de interação da motivação extrínseca com a dimensão da cognição; $F(12, 61) = 2,167$, $p = 0,025$; $\eta^2 = 0,299$; e também com a dimensão transcendente $F(12, 61) = 2,111$, $p = 0,029$; $\eta^2 = 0,293$.

A interação entre a motivação intrínseca para a religião e as dimensões da sabedoria relativamente ao grupo B (idosos) é estudada seguidamente (cf. tabela 15).

Tabela 15 – Interação entre a motivação intrínseca e a sabedoria – Grupo B

Efeito	Λ_{Roy}	F	$df1$	$df2$	Sig.
Motivação intrínseca x Sabedoria	0,978	2,803	15,000	43,000	0,004**

** $p < 0,01$

Ao considerar a interação entre a motivação intrínseca para a religião e as três dimensões da sabedoria simultaneamente foi possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas: Roy's Largest Root = 0,377; $F(15,43) = 2,803$, $p = 0,004$; $\eta^2 = 0,494$. O que indica que pelo menos uma das variáveis manifesta comportamento significativamente diferente das restantes.

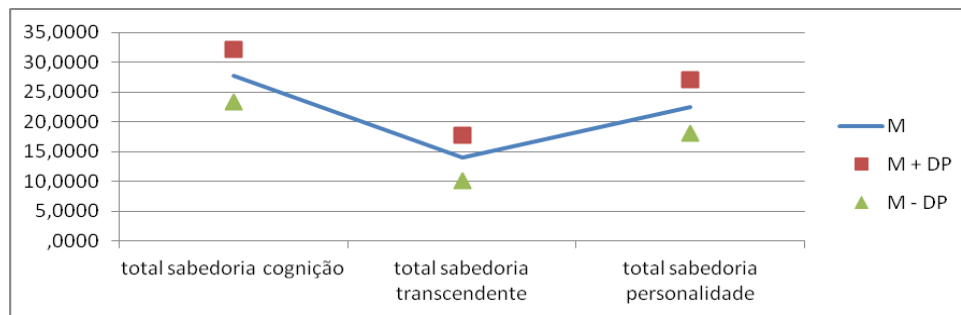


Figura 3 – Análise de variâncias da relação entre a motivação intrínseca e as dimensões de sabedoria – Grupo B.

Ao diferenciar cada dimensão (cf. figura 3) e analisando o valor de p verifica-se a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre a motivação intrínseca para a religião e a sabedoria cognitiva: $F(15, 43) = 0,306$, $p = 0,992$; $\eta^2 = 0,096$; e a sabedoria da personalidade: $F(15, 43) = 1,111$, $p = 0,376$; $\eta^2 = 0,279$. A relação entre a sabedoria transcendente e a motivação intrínseca para a religião apresenta diferenças significativas: $F(15, 43) = 2,239$, $p = 0,020$; $\eta^2 = 0,439$.

Tabela 16 – Interação entre a motivação extrínseca e a sabedoria – Grupo B

Efeito	Λ_{Roy}	F	$df1$	$df2$	Sig.
Motivação extrínseca x Sabedoria	0,534	1,532	15,000	43,000	0,136

A interação entre a motivação extrínseca para a religião e as dimensões da sabedoria relativamente ao grupo B (cf. tabela 16), consideradas simultaneamente não apresentam diferenças significativas: Roy's Largest Root = 0,534; $F(15,43) = 1,532$, $p = 0,136$; $\eta^2 = 0,348$.

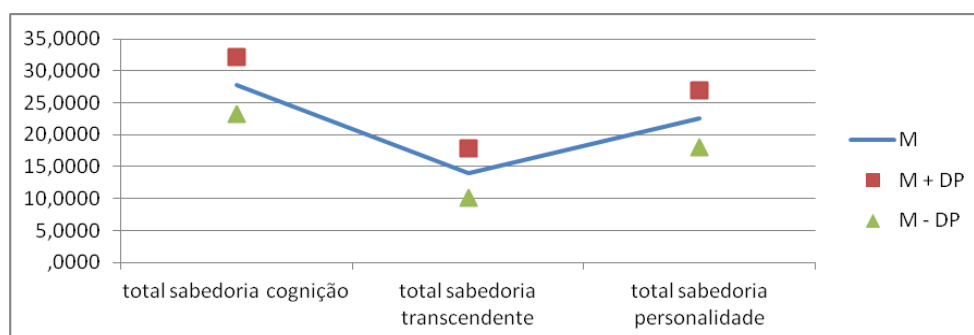


Figura 4 – Comparação entre as médias e desvio-padrão da relação entre a motivação extrínseca e as dimensões de sabedoria – Grupo B

O que implica que, enquanto valores independentes as dimensões não têm efeitos significativos (cf. figura 4). A análise da interação das dimensões separadamente, como seria de esperar, não identificou diferenças estatisticamente significativas.

4. Discussão

Os resultados obtidos através da análise dos dados recolhidos provenientes da aplicação da Escala de Interiorização Religiosa (Barros, 2005a) e da Escala Sobre a Sabedoria (Alves, 2007) permitem formular tentativas de resposta às questões de investigação deste estudo.

No entanto, antes da realização dos testes com o objetivo de solucionar as questões, os dados obtidos foram previamente analisados e outros aspetos para além da idade e género foram conhecidos. A existência de mais participantes do sexo feminino ($N = 71$) em comparação com o sexo masculino ($N = 62$) foi reforçada, assim como uma maior percentagem de indivíduos do grupo A. Um aspeto que beneficia esta investigação é o facto de a percentagem de praticantes (52,6%) e de não-praticantes (47,4%) de uma religião se encontrarem em números equilibrados, o que pode contribuir para a eliminação de uma variável parasita do estudo – a institucionalização da religião.

Segundo Pallant (2003) é fundamental analisar em qualquer investigação a consistência interna do instrumento, de forma a confirmar a fiabilidade dos resultados com a amostra utilizada. O *alfa de Cronbach* (α), uma das medidas de consistência interna mais utilizada na investigação em ciências sociais confirmou a consistência interna das escalas e das suas respetivas dimensões.

Na realidade, os valores apresentados são superiores (para a motivação intrínseca o *alfa de Cronbach* foi de 0,90 e para a motivação extrínseca para a religião $\alpha = 0,89$; a dimensão da cognição implica $\alpha = 0,82$, a dimensão da transcendência apresenta $\alpha = 0,85$ e finalmente para a dimensão da personalidade o valor de *alfa de Cronbach* foi de 0,82) aos encontrados nas investigações anteriores, o que pode ser justificado pela utilização de uma amostra menos específica (para a motivação intrínseca para a religião *alfa de Cronbach* foi de 0,78 enquanto para a motivação extrínseca para a religião $\alpha = 0,75$) em comparação com a investigação de Barros (2005a) ou com o facto de ter sido utilizada uma amostra maior do que na construção da escala – dimensão da cognição

$\alpha = 0,74$, dimensão da transcendência $\alpha = 0,78$ e dimensão de personalidade $\alpha = 0,76$ – (Alves, 2007). Será de referir que todos os valores obtidos encontram-se de acordo com os critérios de recomendação de Peterson (1994, *in* Garcia-Marques e Maroco, 2006).

As correlações entre as diferentes escalas e dimensões utilizadas foram também testadas, demonstrando que a Escala de Interiorização Religiosa e a Escala sobre a Sabedoria, quando analisadas independentemente, possuem um valor significativo de coeficiente de correlação *Phi de Pearson*. Todavia, a análise entre as dimensões de ambas as escalas apresentou algumas correlações fracas - interação entre a motivação intrínseca e a sabedoria cognitiva; a interação entre a motivação intrínseca e a sabedoria da personalidade; e por último a interação entre a motivação extrínseca e a sabedoria da personalidade (ao contrário das outras correlações não significativas, esta apresenta tendência negativa que poderá implicar que estas duas dimensões apresentam uma possível relação inversa). As correlações determinadas como significativas são: interação entre a motivação intrínseca e a sabedoria transcendente - correlação forte; interação entre a motivação extrínseca e a sabedoria cognitiva - correlação moderada; e a interação entre a motivação extrínseca e a sabedoria transcendente – correlação moderada.

As classificações atribuídas para a correlação *Phi de Pearson* são sugeridas por Cohen (1988, *in* Pallant, 2003) e indicam que a sabedoria transcendente apresenta correlações lineares mais fortes com as duas dimensões da motivação, o que é um bom indício para as suas interações.

Após a execução destes passos essenciais a todas as investigações, prosseguiu-se com a realização da análise de variâncias com o intuito de responder às questões de investigação.

Quanto à relação motivação intrínseca em função da idade, verificou-se que existem diferenças significativas entre os valores médios de cada grupo. Esta diferença de médias de mais de três valores percentuais confirma que estes grupos apresentam diferenças significativas relativamente à motivação intrínseca para a religião.

A relação entre a motivação extrínseca e a idade foi analisada e os resultados obtidos foram consistentes com as conclusões relativas à motivação intrínseca, ou seja, existem diferenças significativas para a motivação extrínseca para a religião nestas duas faixas etárias.

Estes resultados permitem responder afirmativamente à primeira questão de investigação, confirmando que ambas as dimensões da motivação para a religião apresentam diferenças significativas em relação à idade dos participantes, aumentando com o envelhecimento. Segundo vários autores (Dillon e Wink, 2003; Kimble, McFadden, Ellor

e Seeber, 1995, *in* Ardel et al. 2010) esta relação seria de esperar, especialmente relativamente à motivação intrínseca para a religião, pois o envelhecimento contribui para tornar esta relação essencial ao indivíduo. Desta análise, resultaram diferenças significativas de três pontos percentuais em cada uma das dimensões, corroborando esta ligação entre uma fase mais tardia da vida e a motivação para a religião.

O passo seguinte consistiu em responder à segunda e terceira questões de investigação e analisar as possíveis diferenças nas dimensões da motivação para a religião relativamente ao sexo dos participantes. O grupo A não apresentou diferenças estatisticamente significativas entre os valores médios do sexo masculino e do sexo feminino para a motivação intrínseca. No entanto, é possível observar uma tendência para existirem maiores valores nas mulheres. Para a motivação extrínseca os resultados obtidos, de igual modo, não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os sexos.

O grupo B na análise referente à motivação intrínseca apresenta diferenças significativas entre os valores médios dos dois sexos. A motivação extrínseca para a religião nos participantes do grupo B separados por sexo não apresentou diferenças significativas.

Esta análise permitiu verificar a inexistência de diferenças significativas entre o sexo masculino e feminino para o grupo A. O que implica que a resposta à terceira questão de investigação é negativa, refutando a hipótese de Davie e Vincent (1998) em que as mulheres (independentemente da faixa etária) teriam maior inclinação para a religião. Na realidade apenas o grupo B, referente à motivação intrínseca para a religião apresentou diferenças significativas. Ou seja, na realidade a sugestão dos autores anteriormente referidos aplica-se nesta amostra, mas apenas no grupo dos idosos na motivação intrínseca para a religião. Neste sub-grupo, as mulheres apresentam maiores valores médios de motivação para a religião.

Curiosamente, é também no grupo B em que se observa uma tendência do sexo masculino para apresentar maiores níveis de motivação extrínseca do que o sexo feminino – o que não vai de encontro aos resultados esperados. No entanto, esta diferença não é estatisticamente significativa.

Seguidamente procurou-se responder à quarta questão e para tal, analisar as possíveis diferenças nas dimensões da Escala sobre a Sabedoria – cognição, transcendência e personalidade – relativamente à idade.

Os resultados comprovaram a existência de diferentes resultados entre as três dimensões. A sabedoria cognitiva e a sabedoria da personalidade caracterizaram-se pela ausência de diferenças estatisticamente significativas nos valores médios de cada grupo. A sabedoria transcendente, pelo contrário, apresentou diferenças estatisticamente significativas entre os valores médios de cada grupo. É de referir que embora seja efetivamente uma diferença significativa, consiste apenas em dois pontos percentuais o que se pode traduzir num possível indicativo de ser uma pequena diferença, apesar de estatisticamente significativa.

Portanto, a resposta à quarta questão de investigação consiste em afirmar que efetivamente existem diferenças significativas entre as duas faixas etárias, no entanto apenas no que se encontra relacionado com a dimensão da sabedoria transcendente, em que os idosos apresentam valores médios superiores. Esta questão apresenta vários debates na comunidade científica internacional, pois a antiga e implícita assunção de que os idosos são mais sábios que os adultos mais novos, não se verifica atualmente.

Na realidade, esta análise caracteriza apenas um aumento da sabedoria transcendente nos idosos, o que conjuntamente com o estudo estatístico anterior, em que foi demonstrado o aumento da motivação para a religião na idade poderá implicar que se trata de uma faixa etária mais contemplativa e espiritual (Ardelt, 2008).

Posteriormente a análise estatística consistiu na avaliação da significância das diferenças nas dimensões da Escala sobre a Sabedoria – sabedoria cognitiva, sabedoria transcendente e sabedoria da personalidade – relativamente ao sexo dos participantes. De modo a facilitar a análise destes dados a amostra foi dividida em grupos A (adultos) e B (idosos).

O estudo estatístico do grupo A no que concerne as dimensões da sabedoria revelou que para a faixa etária dos adultos, não existe diferenças significativas entre sexos, sendo que todas as diferenças entre os valores médios não são superiores a 1,33 valores percentuais. O grupo B apresentou resultados semelhantes ao grupo A, caracterizando-se por não haver diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino.

Este teste caracterizou-se pela obtenção de resultados semelhantes nos dois grupos em que foi característica a inexistência de diferenças estatisticamente significativas. Era esperado que os membros do sexo feminino apresentassem níveis médios de sabedoria superiores aos do sexo masculino Bailey (2009). Embora os resultados obtidos não são estatisticamente significativos, é possível notar pequenas diferenças entre sexos.

Nomeadamente, no grupo A os membros do sexo feminino apresentam ligeiramente maiores valores de sabedoria da personalidade. O sexo feminino no grupo B apresentou também valores superiores ao sexo masculino.

No entanto é de referir, novamente, que as diferenças encontradas nesta análise não são significativas, mas sim residuais. Respondendo à quinta e sexta questões relativas a possíveis diferenças significativas entre os sexos e as diferentes dimensões de sabedoria, de modo negativo.

Por fim, realizou-se uma análise de variância multivariada (MANOVA) para avaliar se as dimensões da Escala de Interiorização Religiosa (motivação intrínseca e motivação extrínseca para a religião) interagem com as dimensões da Escala sobre a Sabedoria (cognitiva, transcendente e da personalidade), tendo em consideração as faixas etárias dos participantes. Primeiro é apresentada a interação entre a motivação intrínseca para a religião e as dimensões da sabedoria relativamente ao grupo A (adultos).

Ao examinar a interação entre a motivação intrínseca para a religião e as três dimensões da sabedoria simultaneamente é possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas. Tal indica que, pelo menos uma das variáveis dependentes (neste caso, a sabedoria transcendente) apresenta interação com a motivação intrínseca.

O estudo estatístico do grupo B, no que se refere à interação entre a motivação intrínseca para a religião e as três dimensões da sabedoria simultaneamente é possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas. O que, como anteriormente mencionado, indica que pelo menos uma das variáveis manifesta comportamento significativamente diferente das restantes. A relação entre a sabedoria transcendente e a motivação intrínseca para a religião, foi a única dimensão a apresentar diferenças significativas.

Esta conclusão encontra-se de acordo com a inferência anteriormente exposta, que existe um aumento estatisticamente significativo da sabedoria transcendente nos idosos, conjuntamente com o aumento da motivação intrínseca para a religião ao longo da idade avançada. Tal poderá implicar que se trata de uma faixa etária mais contemplativa e espiritual (Ardelt, 2008). De facto a teoria de Erikson, em que a sabedoria é a resolução positiva de uma crise nos idosos (integridade *vs.* desespero) implica que se trata de uma faixa etária em que a espiritualidade deve apresentar um papel mais forte, especialmente pela inevitabilidade do ciclo da vida.

A interação entre a motivação extrínseca para a religião e as dimensões da sabedoria, consideradas simultaneamente demonstram a existência de diferenças significativas no que concerne o grupo A.

Depois de uma análise individual a cada dimensão verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas na interação da motivação extrínseca com a dimensão da cognição e também com a dimensão transcendente. A dimensão da personalidade não apresenta diferenças estatisticamente significativas.

A última conclusão estatística determina não existir interação entre a motivação extrínseca para a religião e as dimensões da sabedoria relativamente ao grupo B. As conclusões relativamente à relação das dimensões de sabedoria (cognição, transcendência, personalidade) e da motivação extrínseca em adultos e em idosos são díspares.

Os resultados não foram os esperados, pois seria de crer que a sabedoria transcendente apresentasse diferenças significativas na sua relação com a motivação extrínseca, pois a sua correlação é elevada e ambas as dimensões aumentam com a idade.

Este estudo, tal como o *follow-up* realizado por Allport e Ross (1967, *in* Ardelet, 2008) indica que aparentemente a religião não é um pré-requisito para a sabedoria. Mcfadden (2008) considera, inclusivamente, que a ênfase sobre o papel relacional da espiritualidade é superior à busca de significado.

5. Conclusão

Este estudo tem como objetivo principal contribuir para a pesquisa sobre a religião e a sabedoria. Uma vez que são duas temáticas bastantes complexas considera-se que as investigações com o objetivo de as compreender são fundamentais.

Segundo Barros (2004) uma pessoa sábia tenta ultrapassar os acontecimentos mundanos e concentrar-se em questões de carácter espiritual, o que implicitamente traduz a existência de uma relação entre a religião e a sabedoria. Esta investigação pretendeu sondar essa ligação, assim como o poder destas duas temáticas com a idade e o sexo.

Algumas conclusões interessantes foram alcançadas após a análise estatística dos dados obtidos, embora o método de amostragem por conveniência não permita a inferência destas conclusões para a população portuguesa.

Relativamente à motivação para a religião, ambas as dimensões da motivação para a religião apresentam diferenças significativas em relação à idade dos participantes, sendo

que aumenta com a idade. Segundo vários autores (Dillon e Wink, 2003; Kimble, McFadden, Ellor e Seeber, 1995, *in* Ardelt et al. 2010) esta relação seria de esperar, especialmente relativamente à motivação intrínseca para a religião, pois o envelhecimento contribui para tornar a relação mais inerente ao indivíduo.

Esta análise permitiu verificar a inexistência de diferenças significativas entre o sexo masculino e feminino para o grupo A. Na realidade apenas o grupo B, referente à motivação intrínseca para a religião apresentou diferenças significativas (Davie e Vincent, 1998). Ou seja, a sugestão dos autores anteriormente referidos aplica-se nesta amostra, mas apenas no grupo dos idosos na motivação intrínseca para a religião. Neste sub-grupo, as mulheres apresentam maiores valores médios de motivação para a religião. Curiosamente, é também no grupo B em que se observa uma tendência do sexo masculino para apresentar maiores níveis de motivação extrínseca do que o sexo feminino. No entanto, esta diferença não é estatisticamente significativa.

Efetivamente existem diferenças significativas nas dimensões de sabedoria entre as duas faixas etárias, no entanto apenas no que se encontra relacionado com a dimensão da sabedoria transcendente, em que os idosos apresentam valores médios superiores. Esta questão apresenta vários debates na comunidade científica internacional, pois a antiga e implícita assunção de que os idosos são mais sábios que os adultos mais novos, não se verifica atualmente (Staudinger, 1999; Webster, 2003, *in* Hatch e Richards, 2011).

Relativamente aos sexos, foi possível notar pequenas tendências, apesar de os resultados obtidos não serem estatisticamente significativos. Nomeadamente, no grupo A os membros do sexo feminino apresentam ligeiramente maiores valores de sabedoria da personalidade. O sexo feminino no grupo B apresentou também valores superiores ao sexo masculino, no entanto é de referir, novamente, que as diferenças encontradas nesta análise não são significativas, mas sim residuais.

Existe um aumento estatisticamente significativo da sabedoria transcendente nos idosos, conjuntamente com o aumento da motivação intrínseca para a religião ao longo da idade avançada. Poderá implicar que se trata de uma faixa etária mais contemplativa e espiritual (Ardelt, 2008). Segundo a teoria de Erikson, a sabedoria é a resolução positiva da crise nos idosos - integridade *vs.* desespero – o que implica que se trata de uma faixa etária em a espiritualidade deve apresentar um papel mais forte.

As conclusões relativamente à relação das dimensões de sabedoria (cognição, transcendência, personalidade) e da motivação extrínseca em adultos e em idosos são díspares. No grupo A a motivação extrínseca apresentou diferenças significativas na sua relação com as dimensões cognitiva e transcendente da sabedoria. O grupo B não

apresentou diferenças significativas estatisticamente em qualquer das relações entre dimensões.

Esta investigação é apenas uma gota no meio de um mar de pesquisas psicológicas, todavia não se pode desprezar o seu poder. As dimensões da religião introduzem enorme diversidade, não só entre diversos subgrupos da população, mas também dentro do próprio indivíduo (Atchley, 2005).

Além de contribuir com informação sobre o tópico relativamente à população portuguesa, estuda-se também a religião em Portugal contribuindo para a sua desmistificação enquanto tema de análise.

Socialmente, esta investigação pode também contribuir com informações que contribuam para uma nova reflexão sobre os idosos, diminuição do idadismo e reformulando a noção implícita de idosos com uma maior sabedoria transcendente e desejo de resolução de questões importantes.

No interesse da descoberta científica e da evolução das investigações sobre a religião e a sabedoria todas as limitações da presente investigação devem ser referidas.

Uma das limitações deste estudo passa pelo facto de ter sido apenas analisada a relação entre a motivação para a religião e a sabedoria na cultura portuguesa, assim como a etnicidade caucasiana. A religião maioritariamente seguida em Portugal é a católica cristã, o que pode também ter interferido com os resultados obtidos. Traduzindo-se na impossibilidade de estes estudos se generalizarem para a população geral.

Segundo Birren e Svensson (2005, *in* Thao, 2008) é necessário que o estudo da sabedoria passe por diversas culturas. Os países ocidentais e orientais podem considerar a sabedoria sob pontos de vista diferentes potenciando dimensões diversas. A investigação utilizou amostragem por conveniência, pelo que as suas descobertas não podem ser generalizadas à população geral. Especialmente porque os participantes se dispuseram a responder ao questionário e estavam motivados para participar no estudo.

A investigação foi incapaz de analisar universalmente os efeitos do nível escolar e estado civil dos participantes, pois a sua reduzida percentagem não permitiu a realização de análises estatísticas, o que impediu observar os efeitos destas variáveis relativamente às variáveis dependentes.

Este estudo é transversal pelo que a causalidade não pode ser definida, não se pode saber se a sabedoria precede a religião, ou se esta é uma consequência da sabedoria. Nesse sentido impera a necessidade da realização de estudos longitudinais sobre o tema (Thao, 2008). Uma vez que estes são conceitos bastante complexos a utilização de medidas objetivas não é suficiente para a sua classificação universal. As questões abertas

construídas para esse propósito poderiam ter beneficiado bastante a investigação, consolidando relações sobre variáveis e construindo uma base de dados sobre os significados da religião e da sabedoria, para não especialistas.

As limitações apresentadas podem, simultaneamente com a investigação realizada e os seus resultados, sugerir possíveis direções para investigações futuras.

Como já referido, será extremamente compensador para o estudo destas variáveis se a sua investigação tiver como base diferentes tipos de análise. A utilização simultânea de questionários objetivos, questões abertas, o relato de experiências pessoais em que a religião e a sabedoria sejam abordadas (Thao, 2008) e a análise de situações em que se possa aplicar os conceitos em estudo (Baltes e Staudinger, 2000). A metodologia de investigação composta por questões abertas ou por outro método em que o participante não está sujeito *a priori* às categorias, pode beneficiar bastante os resultados ao considerar dimensões que poderiam não ser a escolha inicial do investigador. Especialmente devido ao elevado número de dimensões que a religião e a sabedoria aparentemente possuem.

Segundo Thao (2008) a religião deve ter outras dimensões como a importância e intensidade. Enquanto a sabedoria pode ser dividida entre conhecimento e a experiência de vida (Hopkins, 2007) ou entre sabedoria cognitiva (compreensão da vida e o desejo de conhecer a verdade), reflexiva (a capacidade e a vontade de olhar para os fenómenos de diferentes perspetivas) e afetiva (amor solidário e compassivo para os outros) (Ardelt, 1997, 2003, 2004; Clayton & Birren, 1980; Manheimer, 1992, *in* Ardel, 2008). Relativamente à sugestão de Hopkins (2007) seria interessante estudar estes dois conceitos relativamente à sua relação com a parentalidade ou com a resolução positiva de uma situação de vida complicada.

Espera-se que esta investigação, os seus resultados, limitações assim como as sugestões apresentadas, contribuam para a construção de uma arte de vida psicológica (Staudinger, 1999, *in* Hopkins, 2007).

Referências

- Alves, P. J. P. (2007). A Sabedoria: construção de uma nova escala. *Psicologia Educação e Cultura, 11*, 289-306.
- Ardelt, M. (1997). Wisdom and life satisfaction in old age. *Journal of Gerontology: Psychological sciences, 52B*, 15-27.
- Ardelt, M. (2003). Empirical assessment of a three-dimensional wisdom scale. *Research on Aging, 25*, 273-324
- Ardelt, M. (2008). Self-development through selflessness: The paradoxical process of growing wiser. In H. A. Wayment e J. J. Bauer (Eds.), *Transcending self-interest: Psychological explorations of the quiet ego* (pp. 221-233). Washington, D.C.: American Psychological Association
- Ardelt, M., Blazer, D., Jeste, D., Kraemer, H., Meeks, T. e Vaillant, G. (2010). Expert consensus on characteristics of wisdom: A delphi method study. *The Gerontologist, 50*, 668–680.
- Atchley, R. (2005). Editorial. On including religious and spiritual faith and practice in gerontological research. *Journal of Gerontology: Social Sciences. 60B*, 2.
- Bailey, A. (2009). *Cultivating wisdom through a service-learning experience*. Dissertação de doutoramento não publicada. Graduate School, University of Minnesota.
- Baltes, P. e Kunzmann, U. (2003). Wisdom. *The Psychologist, 16*, 131-133.
- Baltes, P., Maciel, A., Smith, J. e Staudinger, U. (1998). What predicts wisdom-related performance? A first look at personality, intelligence and facilitative experiential contexts. *European Journal of Personality, 12*, 1-17.
- Baltes, P. e Staudinger, U. (2000) Wisdom: A metaheuristic (pragmatic) to orchestrate mind and virtue toward excellence, *American Psychologist, 55*, 122–136.
- Barros, J. (2000). *Psicologia da religião*. Coimbra: Almedina.
- Barros, J. (2004). *Psicologia positiva*. Porto: ASA.

- Barros, J. (2005a). Motivação intrínseca/extrínseca da vivência religiosa: Uma escala revisitada. *Psicologia Educação e Cultura*, 9, 453-475.
- Barros, J. (2005b). *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. Porto: Livpsic
- Barros, J. (2008). *Psicologia do idoso. Temas Complementares*. Porto: Livpsic.
- Bergeman, C. S. e Ong, A. (2004). The complexity of emotions in later life. *Journal of Gerontology*, 59B, 117-122.
- Bluck, S. e Glück, J. (2004). Making things better and learning a lesson: Experiencing wisdom across the lifespan. *Journal of Personality*, 72, 543-572.
- Bluck, S. e Glück, J., (2011). Laypeople's conceptions of wisdom and its development: cognitive and integrative views. *The Journals of Gerontology, Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 66, 321-324
- Cartwright F., Pruchno, R., Rose, M. e Wilson-Genderson, M. (2010). Successful aging: early influences and contemporary characteristics. *The Gerontologist*, 50, 821-833.
- Davie, G. e Vincent, J. (1998). Progress report, Religion and old age. *Ageing and Society*, 18, 101-110.
- Diener, E., e Suh, E. (1998). Age and subjective well-being: An international analysis. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, 17, 304-324.
- Dillon, M. e Wink P. (2003). Religiousness, spirituality and psychosocial functioning in late adulthood: Findings from a longitudinal study. *Psychology and Aging*. 18, 916-924.
- Elder, G. H. e King V. (1999). Are religious grandparents more involved grandparents? *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 54B, 317-328.
- Featherman, D., Kim, J. e Nesselroade, J. (1996). The state component in self-reported worldviews and religious beliefs of older adults: The MacArthur successful aging studies. *Psychology and Aging*. 11, 396-407.
- Feifel, H. e Strack, S. (1989). Coping with conflict situations: Middle-aged and elderly men. *Psychology and Aging*, 4, 26-33.

- Ferreira, A. V. e Neto, F. (2002). Dois tipos de internalização religiosa: introjecção e identificação. *Psicologia, Educação e Cultura*, 6, 321-334.
- Ferreira, A. V. e Neto, F. (2008). Religiosidade e bem-estar ao longo da vida. *INFAD Revista de Psicologia, International Journal of Development and Educational Psychology*, 20, 407-418.
- Figueiredo, L. (2007). *Cuidados familiares ao idoso dependente*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Garcia-Marques, T. e Maroco, J. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4, 65-90
- Hatch, S.L. e Richards, M. (2011). A life course approach to the development of mental skills. *The Journals of Gerontology, Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 66, 26–35
- Hopkins, P. E. (2007). Young people, masculinities, religion and race: new social geographies. *Progress in Human Geography*, 31, 163–177
- Idler, E. L. e Kasl, S. V. (1997). Religion among disabled and nondisabled persons I: Cross-sectional patterns in health practices, social activities, and well-being. *Journal of Gerontology: Social sciences*. 52B, 294-305
- INE (2002). O Envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas. *Revista Estudos Demográficos*, 34, Lisboa: INE
- Kilburg, R. R., (2000). *Executive coaching: Developing managerial wisdom in a world of chaos*, (pp. 149-183). Washington, DC: American Psychological Association
- Kornadt, A. E. e Rothermund, K. (2011). Contexts of aging: assessing evaluative age stereotypes in different life domains. *The Journals of Gerontology, Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*. 66, 547–556
- Mcfadden, S. H. (2008). Healing, health care, and spirituality. *The Gerontologist*. 48, 126-130

- Meacham, J. (1990). The loss of wisdom. In Sternberg, R., *Wisdom: its nature, origins, and development*. (pp.181-212). Cambridge: Cambridge University Press
- Neto, F. (1998). *Psicologia Social, Volume I*. (pp.492-582). Lisboa: Universidade Aberta.
- Organização das Nações Unidas (2002) *Plano de acção internacional contra o envelhecimento*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.
- Pais, S. V. (2009). *Religião, sexualidade e papéis de género: Estudo exploratório*. Tese de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
- Pallant, J. (2003). *SPSS survival manual. A step by step guide to data analysis using SPSS for windows*. Philadelphia: Open University Press
- Paloutzian, R. (1996). *Invitation to the psychology of religion*. (2ª ed.). pp. 1-35 e pp. 199-232. Massachusetts: Allyn & Bacon
- Paloutzian, R. e Park, C. (Eds) (2005). *Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality*. New York/London: The Guilford Press.
- Paúl, C. (2010, Outubro). *Envelhecimento activo*. Comunicação apresentada na Conferência Internacional sobre o Envelhecimento.
- Peteet, J. R. (1994). Approaching spiritual problems in psychotherapy: A conceptual framework. *Journal of Psychotherapy Practice and Research*, 3, 237-245.
- Pimentel, L. (2001). *O lugar do idoso na família: contextos e trajectórias*. Coimbra: Quarteto.
- Rowley, J. e Slack, F. (2009). Conceptions of wisdom. *Journal of Information Science*, 35, 110–119.
- San Segundo, R. (2002). A new concept of knowledge. *Online Information Review*, 26, 239-245.
- Santos, A. F. (2008). *Qualidade de vida e solidão na terceira idade*. Monografia não publicada. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa.

- Sternberg, R. J. (2005). Older but not wiser? The relationship between age and wisdom. *Ageing International*, 30, 5-26.
- Tart, C. (1975). Introduction. In C.T. Tart (Ed.), *Transpersonal psychologies* (pp. 3-7). New Yorker: Harper & Row.
- Thao, N. L. (2008). Age differences in spirituality, mystical experiences and wisdom. *Ageing & Society*, 28, 383–411.
- Whitbourne, S. K. (1987). Personality development in adulthood and old age: Relationships among identity style, health, and well-being. In K. W. Schaie (Ed.), *Annual review of gerontology and geriatrics*. 7, (pp. 189–216). New York: Springer.
- Zimerman, G. I. (2000). *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed

ANEXOS

Anexo A – Declaração informativa

Questionário

Este questionário tem como objectivo fornecer informações para um trabalho de investigação, no contexto da realização de um projecto de mestrado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, no âmbito de Psicologia. Todos os dados obtidos serão utilizados apenas academicamente.

Pretende-se analisar algumas atitudes das pessoas relativamente a certos aspectos da sua vida, especialmente a Religião e a Sabedoria.

Este questionário divide-se em quatro partes. A primeira consiste na recolha de dados demográficos, a segunda parte está relacionada com a religião, a terceira está relacionada com a sabedoria. A parte final consiste na junção entre a religião e a sabedoria.

Responda a todas as perguntas de acordo com aquilo que verdadeiramente sente. Todas as respostas são correctas, desde que sejam sinceras. O questionário é anónimo e confidencial.

Obrigada pela sua colaboração e disponibilidade.

Vire a página por favor.

Anexo B – Questionário sócio-demográfico

Preencha estes dados de carácter demográfico:

Idade: _____

Sexo:

Homem _____ Mulher _____

Estado Civil:

Solteiro(a): _____

Casado(a): _____

Divorciado(a): _____

Viúvo(a): _____

Nível Escolar:

Até ao 4º ano _____

Até ao 9º ano _____

Até ao 12º ano _____

Até ao Ensino Superior _____

Relativamente à institucionalização da religião é:

Praticante _____

Não-Praticante _____

Anexo C - Escala de Interiorização Religiosa

Assinale um dos números em cada pergunta (com um X ou com um O), conforme o significado seguinte:

1. Totalmente em desacordo (absolutamente não)
2. Bastante em desacordo (não)
3. Bastante de acordo (sim)
4. Totalmente de acordo (absolutamente sim)

Apresenta-se de seguida um breve exemplo de como preencher o questionário:

A. Sinto-me bem comigo mesmo:				
1. Porque sou feliz	1	2	3	4
2. Porque tenho uma vida realizada	1	2	3	4

Responda de acordo com o exemplo:

A. Uma das razões porque partilho activamente a minha fé com os outros é:

- | | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1. Porque Deus é importante para mim e eu gostaria que as outras pessoas também O conhecessem | 1 | 2 | 3 | 4 |
| (2. Porque me sentiria mal comigo se o não fizesse) | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3. Porque quero ser aceite pelos outros cristãos | 1 | 2 | 3 | 4 |

B. Quando me volto para Deus, faço-o, na maior parte dos casos:

- | | | | | |
|--|---|---|---|---|
| 4. Porque gosto de passar tempo com Ele | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5. Porque me sentiria culpado se o não fizesse | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 6. Porque considero que é gratificante | 1 | 2 | 3 | 4 |

C. A razão porque rezo sozinho é:

- | | | | | |
|--|---|---|---|---|
| 7. Porque se não o faço, não serei aceite por Deus | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 8. Porque gosto de rezar | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 9. Porque considero gratificante rezar | 1 | 2 | 3 | 4 |

D. A razão porque frequento a igreja é:

- | | | | | |
|---|---|---|---|---|
| (10. porque se supõe que deva ir) | 1 | 2 | 3 | 4 |
| (11. porque quando vou à igreja aprendo coisas novas) | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 12. porque os outros não aceitariam se eu não fosse | 1 | 2 | 3 | 4 |

Anexo D – Escala sobre a Sabedoria

Este questionário pretende conhecer a sua opinião sobre o que é a “Sabedoria” e sobre os valores que associa à pessoa “Sábia”. Deve responder sinceramente a todas as perguntas de acordo com a sua opinião.

Assinale um dos números em cada pergunta (com um X ou com um O), conforme o significado seguinte:

1. Totalmente em desacordo (absolutamente não)
2. Bastante em desacordo (não)
3. Nem de acordo nem em desacordo (mais ou menos)
4. Bastante de acordo (sim)
5. Totalmente de acordo (absolutamente sim)

1. Simplicidade	1	2	3	4	5
2. Atitude orientada para “a vida para além da morte”	1	2	3	4	5
3. Relação com o transcendente (oração)	1	2	3	4	5
4. Habilidade para resolver problemas	1	2	3	4	5
5. Serenidade	1	2	3	4	5
6. Capacidade de “ajuizar bem”	1	2	3	4	5
7. Bondade	1	2	3	4	5
8. Viver de acordo com a vontade de Deus	1	2	3	4	5
9. Controlo emocional	1	2	3	4	5
10. Atitude Espiritual	1	2	3	4	5
11. Reflexão	1	2	3	4	5
12. Capacidade de Perdoar	1	2	3	4	5
13. Conhecimento abundante das realidades fundamentais da vida	1	2	3	4	5
14. Alegria	1	2	3	4	5
15. Capacidade de responder correctamente a uma situação imprevista	1	2	3	4	5
16. Sensibilidade para a existência e poder de Deus	1	2	3	4	5
17. Saber envelhecer de forma positiva	1	2	3	4	5

Sim Não

Considera-se uma pessoa com bastante conhecimento?		
Está satisfeito com a vida/ é feliz?		
Pratica, ainda que de forma pouco sistemática, alguma religião?		